

Denise de Oliveira Dias

**EDUCAÇÃO CONTINUADA PARA DOCENTES:
RECONSTRUÇÃO PERMANENTE**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. João Bernardes da Rocha Filho

Porto Alegre, abril de 2006

AGRADECIMENTOS

Agradeço as minhas três filhas, Montana, Monise e Monique, ao meu amigo e companheiro de 16 anos, Arigo Antonio Mattei; a minha mãe Maria Luiza Dias e a minha grande amiga Miriam Narvaz.

Agradeço a paciência, a dedicação e o carinho que vocês tiveram comigo.

Dedico esta dissertação a uma pessoa muito importante na minha vida:

Vocês professores:

“Você deixou seus sonhos para que eu sonhasse”.

Derramou lágrimas para que eu fosse feliz.

Você perdeu noites de sono para que eu dormisse tranqüilo.

Acreditou em mim, apesar dos meus erros.

Ser educador é ser poeta do amor.

Jamais esqueça que eu levarei para sempre

um pedaço do seu ser dentro do meu próprio ser...”

Augusto Cury

RESUMO

A presente pesquisa analisa a importância da educação continuada para docentes, com a proposta de levar um conjunto de atividades e oportunidades a fim de que se possa refletir sobre a prática pedagógica de modo a ampliar conhecimentos e promover o desenvolvimento profissional como forma de contribuir para a melhoria da qualidade de ensino. Esta proposta de trabalho foi realizada com um grupo de professores de diferentes áreas em uma escola particular na cidade de Montenegro, em forma de pesquisa-ação. Foram realizados 14 encontros, envolvendo dois temas escolhidos pelo grupo: Disciplina em sala de aula e Relação interpessoal professor-aluno, ampliando, assim, nossas teorias e melhorando a prática de ensino. O trabalho se desenvolveu a partir de leituras e reflexões sobre textos, vídeo sobre os temas, análises de situações em sala de aula, e finalizou com uma crítica escrita sobre as idéias que surgiram referentes ao trabalho. Os encontros, além de proporcionarem o re-pensar e re-fazer em nossa prática pedagógica, fortaleceram o grupo como colegas, ampliaram afinidades e treinaram o trabalho em equipe e o respeito à opinião de cada um. Decidiu-se a partir deste trabalho continuar com o grupo de estudos, tendo como intenção organizar projetos na área da educação.

Palavras chave: Educação Continuada para Docentes, Educação, Relação Professor-aluno.

ABSTRACT

This research analyzes the importance of continued education for teachers, with the proposal to take a set of activities and opportunities for practical reflection on the pedagogical practice, extending knowledge and promoting the professional development as form to contribute for the improvement of the quality of education. This work was carried through with a group of teachers of different disciplines in a private school in the city of Montenegro/RS, in action-research form. Fourteen meeting had been carried through, where two subjects chosen for the group had been searched: Discipline in classroom, and Interpersonal relation professor and pupil, thus extending our theories and improving the practical one of education. The work was developed with reading and reflection of texts, video on the treated subjects, situations in classroom for analysis and finishing with an analysis written on the ideas that had appeared referring to the chosen subjects. These meeting besides providing rethink and remaking in pedagogical practical ours, in it fortified them as colleagues, extending affinities as to work in team and to respect the opinion of each one. We decide to continue with the group of studies with the intention to organize projects in the area of the education.

Key-words: Continued education for teachers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JUSTIFICATIVA.....	10
3 PROBLEMA	16
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	17
4.1 O que significa educação continuada	17
4.2 Quais os benefícios da educação continuada.....	21
4.3 O que se amplia com a educação continuada do professor.....	25
4.4 O que se espera do professor.....	27
4.5 O professor cooperativo.....	29
5 A PESQUISA.....	32
5.1 Objetivo geral.....	32
5. 2 Objetivo específico	32

5.3 Questões da pesquisa	33
5.4 Abordagem metodológica	33
5.5 Sujeito de pesquisa	34
5.6 Procedimentos de coleta de informações.....	34
5.7 Roteiro das questões iniciais.....	36
5.8 Metodologia de análise das informações.....	37
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES.....	38
6.1 Por que continuar aperfeiçoando?	38
6.2 Melhorar o profissional.....	45
6.3 Gostar da profissão.....	50
6.4 A formação do grupo de estudos.....	51
6.4.1 Os temas da pesquisa.....	59
6.4.2 Disciplina.....	60
6.4.3 O texto produzido pelo grupo.....	64
6.4.4 Participação na escola: pais.....	73
6.4.5 Relação interpessoal professor-aluno.....	80

6.4.6 As respostas à proposta de mudança.....	88
7 CONCLUSÃO.....	93
8 REFERÊNCIAS.....	98
9 ANEXOS.....	100

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa refere-se à educação continuada de professores. Busca investigar a importância da educação continuada e o quanto ela pode nos fortalecer no campo profissional, em quanto docentes.

Observando algumas realidades, nas quais determinadas respostas a problemas eram limitadas ou simplesmente ignoradas por parte dos docentes, surgiu a ideia da dissertação sobre a educação continuada.

O que vem ser educação continuada? É o aprimoramento do profissional, que busca melhorar seu desempenho para atender às exigências de uma nova sociedade, que necessita cada vez mais de um professor capaz de procurar e encontrar soluções para as diferentes situações. É um *ir ao encontro* de soluções, ampliando nossos conhecimentos visando à melhoria da qualidade de ensino, de modo que se possa desenvolver um trabalho de qualidade e sentir-se bem dentro do que se faz.

Esta pesquisa sobre a educação continuada foi desenvolvida junto a um grupo de professores que trabalharam temas por eles escolhidos, em forma de pesquisa-ação.

2 JUSTIFICATIVA

Como professora de ensino fundamental e magistério, na área de Matemática, formada em Ciências e Matemática, procurei sempre novas técnicas que pudessem melhorar a minha prática. Fiz vários cursos, participei das oficinas pedagógicas – NAECIM da PUC, que ofereciam uma proposta nova em diversas séries de ensino. Fui a vários encontros de educadores de Ciências e Matemática, nos quais entrei em contato com novas propostas.

Todos me estimularam e melhoraram a minha qualidade de ensinar, mas eu ainda sentia a necessidade de esclarecer dúvidas e perguntas que surgiram nesses 11 anos dedicados ao magistério. Ao colocar em prática e apresentar para meus colegas as idéias que aprendi nos cursos, percebia que muitos as aplicavam, outros nem davam opinião, mas aos poucos essas se dissolviam e, diante disso, algumas propostas foram trabalhadas sem a união do grupo.

“Mas o que estava faltando?”, eu me perguntava. Sabia que a área da Matemática é vista por muitos como uma disciplina de repetência e medo, portanto, a minha dúvida estava ali. Podia-se fazer muitos cursos, aprender várias técnicas, mas aos poucos perdía-se o encanto.

Foi em uma aula do mestrado que me deparei com a dúvida e, ao mesmo tempo, encontrei a solução. Nosso grupo formou várias idéias sobre ensinar, ser

professor, o que ensinar e para que ensinar. Foi nesse processo que percebi que as técnicas ou modelos de como ensinar a Matemática podem nos auxiliar, mas não têm efeito se nós, educadores, não revirmos o que queremos quando ensinamos. Assim, a minha proposta foi desenvolver temas sobre a Educação, não especificamente da área, mas algo maior, como o nosso rever, repensar, para que ensinamos e quais objetivos eu, como educadora, quero alcançar quando ensino.

Eu considero esse rever e repensar um alicerce para os modelos e técnicas que servirão para melhorar a nossa qualidade de ensino, pois precisamos estar conscientes da nossa tarefa, refletir sobre o nosso papel de professor e sobre que cidadãos queremos formar e quais as conseqüências de nossa ação. Ou seja, de nada adiantará o curso se não estiver afinado com a prática, com o que desejamos do ensino e, estar ciente para que e por que ensinar. Qualquer caminho perderá seu efeito se não tiver um alicerce que o fortaleça e o mantenha em atividade.

Baseado neste sentimento de busca do verdadeiro mestre, de amar, de se sentir feliz em ensinar e aprender muito com os alunos, é que faço desta proposta a minha bandeira, a busca contínua de fazer parte da construção de um ser capaz de tornar melhor a convivência entre as pessoas, buscando resoluções que vão ao encontro da união e de um mundo mais perfeito.

No ano de 2005 eu tive o privilégio de ganhar o prêmio de Melhor Professor de Ensino Fundamental da Cidade de Montenegro. Para espanto de muitos, o prêmio foi atribuído a uma professora de Matemática. Entretanto, creio que fui contemplada porque realmente demonstro aos meus alunos o que sinto, o que desejo quando ensino, além de fazer parte da vida deles. Sem dúvida, essa relação entre o aluno e o professor é que me deu espaço para ser mais aceita - diminuindo o

pânico ou pavor dos alunos em relação à matéria - embora sendo professora de Matemática.

Escrevo também sobre alguns fatores que desestimulam o professor a dar continuidade a seus estudos e, ainda, acrescento que, apesar de tantos fatores desestimulantes, acredito que o verdadeiro mestre tem a necessidade de rever seus conceitos sobre ensinar. Muitas vezes fiz parte de situações nas quais as soluções talvez não fossem comuns aos professores de Matemática, mas eu - além de planejar sempre as minhas aulas, procurando interagir com outras disciplinas, com questões do dia-a-dia - procuro manter uma boa relação interpessoal com meus alunos. E isso é marcante nos depoimentos de pais e alunos.

Tenho observado dificuldades na relação professor-aluno, especialmente, porque muitos professores continuam operando dentro de paradigmas ultrapassados e praticam um ensino que não estabelece mais as condições hoje exigidas para um ensino de qualidade. Esse problema atual, em parte, se deve ao fato de que determinadas Instituições de ensino superior mantêm uma prática com os futuros docentes, enquanto a sociedade exige outra prática desses mesmos profissionais, ou seja, existe uma contradição no que as universidades ensinam e o que a sociedade exige. Tudo isso contribui para a manutenção de um ensino tradicional que envolve provas, avaliação por meio de notas, quadro e giz, não incluindo criatividade na resolução de situações-problema e quase nenhum relacionamento interpessoal. O sistema de ensino investe na formação individual e competitiva do professor, sendo que o mais importante é o trabalho conjunto para que haja a formação de um projeto comum de trabalho.

O trabalho em grupo para Moraes (2004, p. 217)

As vivências nos grupos de reflexão já organizadas em escolas mostram que é importante, além dos aspectos cognitivos, focalizar também questões afetivas, éticas e políticas. Os professores das escolas mostram que compreendem a importância de eles próprios se assumirem sujeitos de sua formação, encaminhando assim uma educação continuada na prática cotidiana.

Por outro lado, encontramos professores que continuam sustentando um modelo de ensino baseado em suas próprias experiências, equiparam o aluno de ontem ao aluno de hoje, inserem o educando em um contexto educacional que não mais condiz com as necessidades de seu aprendizado e o envolvem em um esquema de cópia e reprodução. Sobre isso, comentam Freire e Shor (1987, p. 21 citado por HILLEBRAND, 1997, p. 39)

A educação é muito mais controlável quando o professor segue o currículo padrão e os estudantes atuam como se só as palavras do professor contassem. Se os professores ou os alunos exercessem o poder de produzir conhecimento em classe, estariam então reafirmando seu poder de refazer a sociedade. A estrutura do conhecimento oficial é também a estrutura da autoridade social. É por isso que predomina o programa, as bibliografias e as aulas expositivas como formas educacionais para conter os professores e os alunos nos limites do consenso oficial. O currículo passivo baseado em aulas expositivas não é somente uma prática pedagógica pobre. É um modelo de ensino mais compatível com a promoção da autoridade dominante na sociedade e como desativação da potencialidade criativa dos alunos.

Os professores que fazem parte deste contexto repetem e praticam aquilo que lhes foi oferecido. Entra-se no mercado de trabalho com a visão de que se está pronto, não precisando acompanhar as mudanças que surgem na Educação. Põe-se em prática conceitos que deveriam sofrer uma reflexão constante, para que os

conhecimentos fossem ampliados, permitindo adaptações em nossa prática docente, em busca de um ensino de melhor qualidade.

Percebemos essas dificuldades quando nos deparamos com situações que envolvem reflexões, reorganização e adaptações, mas encontramos muitas vezes como respostas comparações do ensino de ontem com o de hoje, reforçando atitudes compatíveis com objetivos ultrapassados. Dessa forma, o conhecimento continua a ser oferecido aos alunos como se pudesse ser *adquirido*, e a moeda de compra são as cópias, o excesso de exercícios repetitivos que envolvem mera *decoreba*, sem relação com o cotidiano, à fixação em um livro como única ferramenta de trabalho e as avaliações, cujo sentido oculto é o de que todo processo educativo pode ser reduzido, simplesmente, a um número. É uma visão limitada de como, de fato, aprendemos, pois desconsidera os conhecimentos prévios do aluno, e assume que ele parte de um conhecimento nulo e que sua aprendizagem depende integralmente do professor, ainda que não exista um relacionamento humano adequado na interação professor-aluno.

Os resultados de um trabalho com essa perspectiva restrita são conflitos constantes entre aluno e professor, pois ambos mantêm-se desestimulados, não havendo harmonia nem coerência entre o que ensinamos e para quem ensinamos, ocasionando lacunas no aprendizado e na formação do educando.

O objetivo desta pesquisa é incentivar a busca da educação continuada como uma alternativa de atualização permanente para professores, avaliando sua eficácia para a melhoria da qualidade do trabalho de cada um.

A proposta consistiu em propiciar a educação continuada como uma ferramenta de trabalho com os professores, auxiliando-os na melhoria da qualidade

das suas práticas de ensino-aprendizagem. Junto com professores de diferentes áreas formamos um grupo de estudos que escolheu os temas referentes à educação a serem discutidos, cujo processo se deu na forma de seminários. Assim, os conteúdos propostos pelo grupo foram trabalhados em diversos momentos e, ao final de cada etapa, constatamos o surgimento de melhorias nas suas práticas docentes.

3 O PROBLEMA

Investigar, a partir da ação pedagógica dos docentes - em uma sociedade que necessita de um profissional que busca aprimorar-se para acompanhar as mudanças constantes - a necessidade dos mesmos em trabalhar com as novas tecnologias facilitadoras da organização de diferentes informações que os norteiam. Assim, o problema envolve os seguintes questionamentos:

De que forma a educação continuada poderá contribuir no aprimoramento permanente do docente ou que transformações profissionais passarão a existir neste professor a partir de um trabalho de educação continuada?

Para que aconteça o ensino-aprendizagem, é importante apenas o requisito do conteúdo?

Que atitudes esse profissional necessita para propiciar um ensino de qualidade?

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

4.1 O que significa educação continuada

Trata-se de um modelo de educação escolarizada que ocorre numa faixa etária e num determinado espaço físico, apoiada em métodos e técnicas e na especialização do saber. A configuração de programas de educação para a toda vida é uma necessidade urgente, na busca de um crescimento pessoal e também da redução de desigualdades sociais.

Os que já terminaram a faculdade precisam buscar novas informações, tomando conhecimento de tudo que ocorre no mundo. A formação continuada é uma proposta ao longo de toda carreira docente, desde a formação inicial ao desenvolvimento profissional, sendo uma aprendizagem contínua e cumulativa em que interage uma variedade de formatos de aprendizagem.

A formação continuada se alicerça numa reflexão da prática e sobre a prática, por meio de dinâmicas de investigação-ação e de investigação-formação, valorizando os saberes de que os professores são portadores.

Segundo Sanchez ¹(1995 citado por MERCADO 1999, p. 39), existem três tipos de educação continuada.

¹ SANCHEZ, R. *Nuevas tecnologías y formación del profesorado universitario*. España, EDUTEC, 1995.

- Teleducação: realização de cursos diretos e de forma interativa com participação em tempo real de alunos em distintos locais. Para isso, requer a reunião, em diferentes locais, dos participantes do curso em um tempo fixado anteriormente.
- Educação à distância: os alunos podem organizar suas atividades formativas em um ritmo que seja conveniente para eles, além de facilitar o acesso ou distribuição do material didático a todos os participantes, assim como prever a interação com o professor no momento mais adequado.
- Produção de materiais multimídia para auto-estudo ou aprendizagem: o aluno realiza uma aprendizagem, por meio desses materiais, assimilando conceitos, consultando documentos auxiliares, realizando exercícios e outras atividades que as novas tecnologias podem facilitar.

Uma instituição está realmente integrada às novas tecnologias na educação continuada quando a maioria dos professores envolvidos conhece e sabe utilizar essas tecnologias, e seu emprego não está reduzido a um grupo isolado de professores. Para que essa situação seja alcançada, é imprescindível criar as condições favoráveis de apoio aos professores, valorizando sua prática.

As modernas tecnologias da informação trazem novas possibilidades à educação, exigindo uma postura adequada do educador em relação à temática educativa. O termo *novas tecnologias* será aqui utilizado para designar os recursos tecnológicos que envolvem o uso de computadores em rede e o acesso à internet, que são o conjunto de processos e produtos derivados da informática.

Os avanços no mundo das telecomunicações fazem com que a internet tenha cada vez mais peso em atividades de formação de professores e represente

expectativas novas e lance novos desafios para a educação. Isso fica evidente na fala de Mercado (1999, p. 99):

A formação de professores frente à introdução de novas tecnologias, exige uma reformulação das metodologias de ensino e um repensar de suas práticas pedagógicas, permitindo auxiliar o professor ampliando e fortalecendo experiências de aplicações das mesmas, no processo ensino-aprendizagem e adequando os recursos destas tecnologias como ferramentas pedagógicas.

A formação de professores é fundamental para o sucesso da utilização das novas tecnologias como ferramentas de apoio ao ensino. Exige uma reformulação das metodologias de ensino e um repensar de suas práticas pedagógicas. Exige também a construção de uma resposta adequada à formação de um profissional crítico e competente, tendo as novas tecnologias como carro-chefe, e contribuindo de forma organizada para as modificações das relações de trabalho predominantes no sistema educacional.

A Educação na sociedade do conhecimento requer do sistema educativo a formação de pessoas que assimilem a mudança e se adaptem rapidamente às novas situações, exigindo mudanças no *quê* e no *como* ensinar. Sobre a educação continuada comenta Nascimento ² (1997 citado por MERCADO 1999, p. 105)

Formação recebida por formandos já profissionalizados e com uma vida ativa, tendo por base a adaptação contínua às mudanças dos conhecimentos, das técnicas e das convicções de trabalho, melhoramento das suas qualificações profissionais e a sua promoção profissional e social.

A formação continuada, porque inscrita no nosso tempo, poderá dispor ao seu serviço ou rentabilizar os valores de diversidade, flexibilidade, incerteza e

² NASCIMENTO, M. **Formação continuada dos professores**. Petrópolis: Vozes, 1997.

criatividade que a pós-modernidade reclama, e que as construções teóricas sobre a formação, aliás, contemplam. Assim descreve ESTRELA, Maria Teresa. A formação contínua entre teoria e a prática. In: FERREIRA, Naura Syria (org.). **Formação Continuada e Gestão da Educação**. 2003, p. 61.

Se o homem é, em parte, aquilo que pensa, é também aquilo e, sobretudo, o que faz. E é pela acção e pelos resultados da acção que temos que avaliar a escola e a formação continuada dos professores. Por isso, consideramos que uma acção educativa, uma formação de professores e uma organização escolar terão de ser construídas a partir da análise do real e do questionamento das teorias que permitem interpretá-los ou esclarecê-los.

Em relação ao processo de desenvolvimento dos educadores - ou seja, o meio através do qual eles são formados, copiando e recopiando conteúdos, apenas reproduzindo o que aprenderam em suas vidas discentes - assim afirma Terezinha A. Rios e José C. Fusari³ (citado por FERREIRA 2003, p.69)

O processo de desenvolvimento da competência dos educadores, aqueles que têm como ofício transmitir, criando e reproduzindo o conhecimento histórico e socialmente construído por uma sociedade. O ofício de ensinador, hoje enfrenta o desafio de buscar a superação de problemas que se iniciam pela necessidade de explicitar as exigências de seu próprio papel, o dever ser, a dimensão ética, os novos paradigmas para uma reflexão que se pretende aprofundada e abrangente. Isto se agrava quando se considera a educação continuada do educador, a ensinação do ensinador em sua prática profissional cotidiana.

Por isso a educação continuada é um caminho eficaz para a melhoria da qualidade do ensino.

³ FUSARI, J C. e RIOS, A. T. “**Formação continuada dos profissionais do ensino**”, in Cadernos Cedes, op. Cit., p. 38.

4.2 Quais os benefícios da educação continuada

O acelerado ritmo de inovações tecnológicas exige um sistema educativo capaz de despertar nos estudantes o interesse por aprender. Esse interesse, diante de novos conhecimentos e técnicas, precisa ser mantido ao longo de suas vidas profissionais. A velocidade da geração de novos conhecimentos é explosiva e o seu impacto na vida provoca nas pessoas questionamentos e exige novas posturas, pois o paradigma de se formar durante alguns anos para aplicar os conhecimentos adquiridos durante toda a vida está acabado. Para Dimenstein ⁴(1997 citado MERCADO 1999, p.40)

No mercado de trabalho no final dos anos 90, um acumular de informações, alguém que decora, memoriza, copia, tende a ter baixa aceitação, ocupando posições subalternas. O trabalhador do presente e do futuro tem perfil de quem sabe lidar com imprevistos, aprende com rapidez, é flexível.

As empresas mostram aos educadores que a formação exclusiva e especializada está condenada pela velocidade tecnológica. O aluno e futuro trabalhador precisam ter sólidas formações gerais, que os habilitem a lidar com necessidades específicas. Um bom educador, assim, é um administrador de curiosidades, disposto a criar um aprendiz permanente, diante da abundância dos dados acessíveis via bancos de dados. O bom professor é aquele que guia as curiosidades, transformando-se num facilitador, auxiliando a reflexão para que o aluno não se perca na dimensão das informações.

⁴ DIMENSTEIN, G. **O aprendiz do futuro**. São Paulo: Ática, 1997.

As mudanças na formação do educador, segundo Masetto e Lopes ⁵(1995 citado por MERCADO 1999, p. 41) devem ser:

- Mudanças profundas na forma de conceber o trabalho.
- Socialização do acesso à informação e produção de conhecimentos.
- Mudança na concepção do ato de ensinar em relação aos novos modos de conceber o processo de aprender e de acessar e adquirir conhecimento.
- Construção de uma nova configuração educacional que integre novos espaços de conhecimentos em uma proposta de inovação escolar, na qual o conhecimento não está centrado no professor.
- Desenvolvimento dos processos interativos que ocorrem no ambiente informacional, sob a perspectiva do trabalho cooperativo.

Um professor consciente e crítico é capaz de compreender a influência da tecnologia no mundo moderno e é capaz de colocá-la a serviço da Educação e da formação de seus alunos, articulando as diversas dimensões de sua prática docente, no papel de um agente de mudanças. Para Mercado (1999, p. 23)

A formação do professor, aqui considerada, é uma formação contínua, voltada para a melhoria do processo educativo, ligado aos avanços tecnológicos, pois à medida que surgem novos avanços na sociedade é preciso formação docente de qualidade frente a estas mudanças.

A educação continuada, hoje, não pode ser confundida como a formação de técnicas e estratégias que auxiliem o professor a transmitir o conhecimento ao aluno. É ir além, é ultrapassar os limites das paredes da escola, é opinar, fazer parte das decisões sobre a Educação. Organizar idéias, ter hábitos, atitudes, tomar decisões, formular propostas, montar projetos pedagógicos, fazer parte do universo escolar. As

⁵ MASSETO, M. **Formar educadores para um mundo em transformação**. São Paulo: PUC/SP, 1996. Mimeo.

técnicas consideradas auxiliares na Educação levaram o professor a ter pensamentos solitários, individualistas. Aprendia-se muito a trabalhar conteúdos, não havia interação de professores de outras disciplinas. Os conteúdos eram voltados à especialização da área. Hoje acreditamos que o professor precisa desenvolver hábitos de cooperação, diálogo, saber trabalhar em conjunto, proporcionando a formulação de idéias em coerência.

Os docentes montavam propostas voltadas exclusivamente para a sua área, organizavam-se para a sua disciplina e não eram estimulados a tomar decisões em equipe ou a formular uma relação interdisciplinar. Escrever sobre os paradigmas de ensino que cada professor e disciplina organizam para muitos ainda é tarefa difícil. O ato de escrever e ler poderia ser mais estimulado, principalmente em conjunto, pois muitos professores aceitam idéias de outros por não terem como prática de ensino o hábito de escrever e relatar suas idéias. Compreende-se que a teoria para muitos ainda é o único caminho, deixando de lado os relatos que poderiam facilitar a compreensão do ensinar e também por conseqüência a autonomia do professor. No texto seguinte, Gadotti se refere aos direitos dos docentes à sua formação continuada (2003, p. 34): “Para legislação brasileira, hoje a formação continuada do professor em serviço é um direito. Contudo para que esse direito seja exercido na prática, de fato, creio que são necessárias algumas pré-condições ou exigências mínimas entre elas”. Sinteticamente, são as seguintes:

1º direito a, pelo menos, quatro horas semanais de estudo com os colegas, não só com especialistas de fora, para refletirem sobre a sua própria prática, dividirem dúvidas e os resultados obtidos;

2º possibilidade de freqüentar cursos seqüenciais aprofundados em estudos regulares, principalmente, sobre o ensino das disciplinas ou campos do conhecimento de cada professor;

3º acesso à bibliografia atualizada;

4º possibilidade de sistematizar sua experiência e escrever sobre ela;

5º possibilidade de participar e expor experiências adquiridas em congressos educacionais;

6º possibilidade de publicar a experiência sistematizada;

7º enfim, não só sistematizar e publicar suas reflexões, mas também colocar em rede essas reflexões, ou seja, o que cada professor, professora e escola estão fazendo, por exemplo, através de um site da secretaria de educação ou da própria escola.

A sociedade contemporânea, diante da necessidade de mudanças, nunca criou tantas oportunidades de refletir sobre a educação continuada. O que grandes sonhadores ambicionavam, hoje temos o poder de colocar em prática, buscando desafios e levantando manifestações. Nunca se falou e escreveu tanto sobre a reformulação do ensino, da atualização dos docentes, do melhoramento do conhecimento, da disseminação de informações. Cabe a cada professor fazer deste momento o mais propício para exigir condições, fazendo com que prevaleça seus direitos e deveres e envolvendo a sociedade nessa necessidade de atualização que promove melhorias na qualidade de ensino e, por conseqüência, reflete-se na formação de um novo cidadão.

Atualizar-se, conhecer, saber selecionar a informação de valor a partir de um mar de informações, nunca foi tão necessário. Estamos na era digital, o que

proporciona ampliação de nossas fronteiras, do conhecimento e, por conseqüência, permite-nos rever as nossas competências, ou conforme Paulo Freire preferia dizer, nossos **saberes**. Mas, para que todo esse processo de atualização dos professores tenha efeito, é preciso que ele goste do que faz. Como escreve Gadotti (2003, p. 44): “A gente faz sempre bem o que gosta de fazer. Só é bem sucedido aquela ou aquele que faz o que gosta”.

4.3 O que se amplia com a educação continuada do professor

Basicamente, o conhecimento das novas tecnologias pode e deve ser aplicado na promoção da aprendizagem do aluno. Entretanto, também, é importante que se reconheça e respeite as características individuais e a capacidade que cada indivíduo tem de aprender. Além disso, a abertura para mudanças, ao novo diálogo, a ações cooperativas que contribuam para que o conhecimento das aulas seja relevante para a vida intelectual e de relação dos estudantes, além de provocar mudanças no conhecimento.

Um professor com novos e variados papéis atuará como planejador e orientador da aprendizagem, capaz de se comunicar, de ser criativo, de ser consciente de sua responsabilidade em contribuir com a transformação da sociedade, e estará voltado para seu constante aperfeiçoamento, promovendo seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional.

Conhecer é hoje algo mais que reproduzir nomes, fatos e acontecimentos, pois a cada dia cresce a distância entre o que se é capaz de recordar e o volume total das informações. O educador tem o papel de orientar os alunos sobre onde

coletar informações, pois o indivíduo precisa saber da existência de determinadas informações, para que no momento adequado as acesse. Esse educador será o encaminhador da autoformação e o facilitador da aprendizagem dos alunos, estimulando o trabalho individual e apoiando o trabalho de pequenos grupos reunidos por área de interesses. Assim, Mercado (1999, p. 79) afirma:

A transformação na prática do professor exige que ele vivencie situações em que possa analisar a sua prática e a de outros professores, participar de reflexões coletivas sobre a prática, buscar novas orientações visando uma inovação em aula. O professor crítico-reflexivo de sua prática trabalha em cooperação com os alunos na construção do conhecimento, assumindo atitudes de pesquisador, levando hipóteses, realizando experimentações, reflexões, buscando validar suas experiências.

Buscar informações é uma habilidade que se adquire através da prática continuada e reflexiva, melhorada por meio de uma autocrítica contínua. Com isso pode-se preparar um sujeito capaz de buscar a informação, de valorizá-la, de selecioná-la, de estruturá-la e de incorporá-la ao seu próprio corpo de conhecimentos, e este último implicando a capacidade também de recordar. Cultivar essas habilidades requer mudanças contínuas, pois segundo Teodoro ⁶ (1992 citado por MERCADO 1999, p. 35), “Há mudança do modo como se aprende, mudanças das formas de interação entre quem aprende e quem ensina, e mudanças do modo como se reflete sobre a natureza do conhecimento”.

⁶ TEODORO, V. **Educação e computadores**. Portugal, Ministério da Educação, 1992. pp. 9-25.

4.4 O que se espera do professor

Espera-se um professor consciente e crítico, capaz de compreender a influência da tecnologia no mundo moderno e de colocá-la a serviço da educação e da formação de seus alunos, articulando as diversas dimensões de sua prática docente, no papel de um agente de mudanças. Assim, colocando em prática uma forma mais flexível de ensino que busque o desenvolvimento profissional do docente, como cita Garcia ⁷(1997 MERCADO 1999, p. 106)

‘Toda atividade que o professor em exercício realiza com uma finalidade formativa - tanto de desenvolvimento profissional como pessoal, de modo individual ou em grupo - que tende a uma mais eficaz realização de suas atuais tarefas ou o preparo para o desempenho de outras novas’.[...] ‘Conjunto de processos e estratégias que facilitam a reflexão dos professores sobre sua própria prática, que contribui a que os professores gerem conhecimentos práticos, estratégicos e sejam capazes de aprender de sua experiência’.

O papel do professor não é o de *sobrecarregar* o aluno com variadas informações, pois muitas informações vêm dos meios de comunicação, mas sim a de um facilitador da aprendizagem, por meio do qual o aluno seja capaz de ter um pensamento crítico, separando o que é informação do mero ruído, sabendo como distinguir no momento certo. Por isso, é importante o aprimoramento do professor, pois além das informações, que são inúmeras, ele tem que orientar o educando para administrá-las. 1997

O professor tem a responsabilidade de difundir o saber no intuito de revisá-lo e ampliá-lo, democratizar a interação de experiências com seus alunos, para que

⁷ GARCIA, C. **Formación Del profesorado para el cambio educativo**. Universidade de Sevilla. 1997.

eles desenvolvam o espírito crítico e assimilem os conhecimentos requeridos em cada momento. Ao se investir na aprendizagem permanente, estaremos lançando na sociedade docentes e educandos técnicos e éticos competentes que efetivamente possam responder às demandas da sociedade.

Por isso as estratégias de formação continuada dos professores, segundo Mercado (1999, p. 156), precisa considerar que:

A formação do professor inclui um conjunto de conhecimentos, de atitudes e de capacidades requeridas para sua intervenção autônoma e eficaz em aula, exigindo a criação de ambientes interativos, que exigem novos papéis de alunos e professores. Assim capaz de responder às exigências das problemáticas que envolvem seu ensino, de diagnosticar a situação de aprendizagem do indivíduo e do grupo, de acomodar as propostas curriculares e as situações peculiares e de mudanças no espaço aula, de reformular e experimentar estratégias metodológicas e de avaliação, de desenvolver instrumentos, técnicas e materiais didáticos, de organizar o espaço e o tempo em aula.

O profissional competente é aquele que sabe fazer bem o que é necessário, desejado e possível, no espaço de sua especialidade. A competência não deve ser definida como algo estático, como um modelo a ser seguido, mas como algo que é construído pelo profissional em sua práxis cotidiana.

Para que o processo aconteça, são necessárias condições para um trabalho competente. De um lado da balança, encontra-se o educador, com as características que o qualificam e, do outro lado, o contexto no qual ele exerce sua prática, e ambas devem estar em equilíbrio.

4.5 O professor cooperativo

Nesse momento devemos rever conceitos de aprendizado, pois a interação de experiências é muito importante. Essas trocas podem ocorrer praticamente em qualquer situação coletiva, como em oficinas e grupos de trabalho, evidenciando quanto cada um pode aprender com o outro, compartilhando informações e a busca de soluções. Com esse caminho traçado ocorrem a cooperação e a colaboração, enfrentam-se desafios, problemas e necessidades de sua prática, deixando-se de lado o individualismo.

A formação do professor deve estar voltada para a escola, sem ser unicamente escolar. Isso significa que a partir das práticas escolares os professores devem ir construindo sua autonomia profissional.

O professor necessita na sua prática pedagógica, saber trabalhar em equipe, participar da gestão da escola, utilizar tecnologias, ser ético e construir sua formação. Escrever suas experiências, envolver-se com bibliografias atualizadas, expor suas idéias em congressos, com possibilidades de publicá-las, a fim de que tudo isso promova melhorias no ensinar e no aprender.

Quanto à prática de ensinar, GRILLO, Marlene. O sentido de totalidade da docência. In: ENRICONE, Délcia. (org.). **Ser Professor**. 2004, p. 78, afirma que:

A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação. Essas considerações indicam que ela necessita ser estudada sob a ótica de quatro dimensões, distintas mas relacionadas: dimensão pessoal, dimensão prática, dimensão conhecimento profissional e dimensão contextual.

O professor precisa desenvolver habilidades de colaboração, interdisciplinaridade, saber falar, escrever bem, ler muito, explorar novas hipóteses, duvidar, criticar e tomar decisões. A característica humana de sensibilidade e compreensão é citada por Hamachek (1979, p. 199)

Os professores eficientes parecem ser aqueles que são, digamos humanos no sentido mais amplo da palavra. Têm senso de humor, são imparciais, empáticos, mais democráticos do que autocráticos e aparentemente podem se relacionar fácil e naturalmente com os alunos ou numa base de um-a-um ou numa base de grupo. Suas salas de aulas parecem refletir operações ou empreendimentos em miniaturas no sentido de que são abertos, espontâneos e adaptáveis à mudança.

Muitos sofrimentos dos professores poderiam ser evitados na sua formação inicial se lhes fossem ensinadas menos técnicas e mais atitudes, hábitos e valores. O individualismo citado anteriormente faz com que o professor organize seu trabalho sem avaliá-lo dialogicamente ou de forma cooperativa com seu aluno. O professor precisa saber planejar o seu trabalho e orientar o aluno a organizar o seu.

Aperfeiçoar-se não é somente buscar técnicas ou receitas prontas de como administrar alunos, mas melhorar a nossa postura como educadores sobre o que ensinamos e o que queremos ensinar, e o que é de fato dito como sendo um educar com qualidade. Procurarmos técnicas para aplicar em sala de aula de nada adiantará, se os conceitos e objetivos não se integrarem, ou seja, ainda que aprendam novas técnicas, insistem em manter as mesmas posturas.

Quando utilizamos uma metodologia de ensino se faz necessário que tenhamos o conhecimento teórico das tendências pedagógicas para que esse desconhecido não seja um entrave no processo de ensino e aprendizagem. Portanto

é necessária a nossa formação continuada, acompanhando as mudanças que a sociedade exige desse novo cidadão.

O docente deve acreditar que a sua participação é bem maior hoje. Ontem se ensinava, hoje se ensina, aprende-se, troca-se idéias, depara-se com situações e realidades diferentes. Aprende-se a falar, a ouvir e ser questionado, sem que nos sintamos afrontados em nosso trabalho. A relação professor-aluno é marcante, pois essa troca de idéias faz com que ambos exponham o que realmente sabem e pensam. Desvelam o que querem quando ouvem e falam.

5 A PESQUISA

Investigar, a partir da ação pedagógica dos docentes - em uma sociedade que necessita de um profissional que busca aprimorar-se para acompanhar as mudanças constantes - a necessidade dos mesmos em trabalhar com as novas tecnologias facilitadoras da organização de diferentes informações que os norteiam.

5.1 Objetivo geral

Averiguar e avaliar o impacto de um grupo de estudos de educação continuada para docentes na melhoria de sua prática profissional.

5.2 Objetivos específicos

Mobilizar um grupo de professores, propondo atividades de educação continuada sobre temas escolhidos pelo grupo, a serem investigados e colocados como reflexão na ação pedagógica.

Analisar os efeitos dessas atividades sobre a prática educativa dos professores, nas diversas áreas de ensino, a partir das suas declarações.

Avaliar no grupo a capacidade de rever pré-conceitos acerca do ensinar.

5.3 Questões de pesquisa

Qual o sentimento dos professores no seu fazer pedagógico antes de integrarem um grupo de estudos de educação continuada?

Como o grupo avalia sua prática pedagógica na abordagem dos conteúdos, nas avaliações e na retomada dos mesmos, a partir da participação no grupo de estudos?

Que anseio de mudança percebe-se na concepção, na interação, no entendimento com outros conhecimentos?

5.4 Abordagem metodológica

A presente pesquisa qualitativa pretendeu chegar ao conhecimento através da interação entre os sujeitos, visando à superação da neutralidade, sendo o pesquisador instrumento de coleta de informações. Foram desenvolvidas três etapas. Primeiro, dados prévios do tema a ser trabalhado; segundo, a repercussão que este trabalho causou no grupo durante o desenvolvimento dos seminários; e, por fim, o que repercutiu do trabalho proposto na atividade profissional de cada um.

O trabalho foi desenvolvido em forma de pesquisa-ação, do modo como Thiollent define pesquisação (2004, p. 14)

Entre as diversas definições possíveis, daremos a seguinte: a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

5.5 Sujeito da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com um grupo formado por seis voluntários, professores de diversas áreas em uma escola particular na cidade de Montenegro.

5.6 Procedimento de coleta de informações

Os colegas de uma escola particular foram convidados a participar de um grupo de estudos. A intenção era levantar questões de sala de aula que fossem interessantes para trabalhar a fim de aprimorar o conhecimento sobre os temas e colocar em prática. Esse processo certamente envolveria pesquisa, revisão de conceitos e a procura constante da renovação das idéias referentes à educação.

As várias etapas desenvolvidas ao longo do processo de pesquisa foram predeterminadas. A primeira etapa consistiu em formular perguntas que foram respondidas pelo grupo participante por meio da escrita, como:

- a) Quais os motivos que o trouxeram a participar deste encontro?
- b) Quais as expectativas destes encontros de estudos?
- c) Como você gostaria que procedessem os encontros?

Nesta mesma etapa, surgiram os temas que o grupo gostaria de pesquisar ao longo dos encontros. No primeiro encontro, decidiu-se sobre o tema “A disciplina em sala de aula”, e o segundo tema “Relação interpessoal aluno-professor.” Assim, cada participante do grupo assumiu a responsabilidade de pesquisar, procurando recursos que poderiam auxiliar no desenvolvimento dos temas.

Na segunda etapa, solicitou-se que escrevessem o que entendiam sobre disciplina em sala de aula e, logo após, buscou-se bibliografias sobre o assunto. Muitos livros referentes ao tema foram conseguidos pela orientadora da presente pesquisa na Biblioteca Central da PUCRS, dos quais selecionou-se alguns capítulos para que cada professor levasse para casa e, em um outro momento, fizesse a exposição do que havia lido e entendido do texto trabalhado.

Nos primeiros encontros as seguintes questões foram postas:

- a) O que entendemos por disciplina em sala de aula?
- b) O que devemos fazer para organizar e administrar a disciplina em nossa escola?

O outro assunto desenvolvido originou as seguintes questões:

- a) O que significa relação interpessoal professor-aluno?
- b) Que características deve ter o professor para que aconteça, de forma adequada, esta relação interpessoal professor-aluno?

Assim, desenvolveu-se todas as etapas necessárias para averiguação da pesquisa. Esse processo de busca fortaleceu muito o grupo como colegas, estabelecendo afinidades que ainda não tinham descoberto. Ler e pesquisar passou a ser prazeroso e estimulador nos encontros.

Nas atividades diárias, tentou-se explorar ao máximo os temas. Foram 14 encontros os quais resultaram na produção de um artigo, que faz uma comparação da disciplina de ontem com a de hoje. Muitas foram às discussões e conversas em que se pôde expor e ouvir as idéias do grupo. E a intenção do grupo, após a experiência com esse trabalho, é a de dar continuidade a esses estudos no próximo ano, aprimorando os objetivos e apresentando aos outros colegas de classe o trabalho desenvolvido.

Durante esse período também nos deparamos com altos e baixos, mas isso faz parte natural do contexto profissional. Respeitar e saber lidar com essas questões fazem parte da pesquisa, de como conduzir uma idéia sem deixá-la partir.

Em alguns momentos, tinha-se metade do grupo, em outros a totalidade, às vezes menos, mas a idéia de pesquisa não foi esquecida durante os encontros. Os participantes persistiam em manter o objetivo, mesmo com os desafios que quase levaram a terminar com o grupo.

Thiollent ressalta os problemas encontrados na pesquisa-ação (2004, p. 15)

Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja tipo participativo.

A coleta de dados para a pesquisa em questão - Educação Continuada para Docentes – formalizou-se por meio de questionários, gravações das reuniões antes e depois de cada tema trabalhado, nas quais aparecem as ações que utilizamos no dia-a-dia com os temas desenvolvidos.

5.7 Roteiro das questões iniciais

As questões abaixo verificaram as expectativas dos professores, que serviram de auxílio para facilitar o estudo sobre a formação do grupo de estudos, sendo que a proposta da pesquisa foi aceita pelos mesmos.

1. Que motivos o levaram a participar da formação de um grupo de estudos?
2. O que espera desses encontros de estudos?

3. Que temas gostaria que fossem trabalhados?

5.8 Metodologia de análise das informações

Organizou-se um texto com todas as idéias, escritas e gravadas, surgidas do grupo durante os encontros. Após, separou-se as idéias iniciais das finais, para que fossem futuramente comparadas e analisadas quanto a sua evolução. Para Franco (2003, p.50) quanto às unidades de análise:

Definidas as unidades de análise, chega o momento da definição das categorias. A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos.

O texto formado por conjuntos de palavras com significados semelhantes ou próximos foi lido e relido várias vezes. A partir da análise do conjunto de idéias próximas, houve a formação das categorias a partir das unidades de significados. Com o surgimento das categorias, passou-se à análise textual qualitativa, visando à compreensão aprofundada dos fatos.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS INFORMAÇÕES

Conforme mencionado, a pesquisa tem a proposta de levar um conjunto de idéias a um grupo de professores, para incentivá-los a rever e refletir sobre sua prática pedagógica e dar continuidade aos seus estudos, de por que e para que ensinar. Essa proposta foi desenvolvida quinzenalmente, totalizando 14 encontros. Durante a atividade predominaram alguns temas, entre os quais, o aperfeiçoamento contínuo do professor, a relação interpessoal aluno-professor, a disciplina, a participação dos pais e da escola no processo de ensino, e o gostar do que se faz e sentir-se feliz em interagir com outras opiniões. Dois temas foram escolhidos pelo grupo, já citados anteriormente. Com a categorização das idéias nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo, surgiram novas unidades significativas.

6.1 Por que continuar se aperfeiçoando

A categoria **por que continuar se aperfeiçoando** mostra o quanto é importante para os professores continuarem se aprimorando. Os docentes têm idéias de temas a serem desenvolvidos e citam recursos que podem ser utilizados na busca desses objetivos. A relação de integração de conhecimento é um fator relevante, pois se percebe nas falas que o intercâmbio entre professores fortalece todo o contexto de ser professor, suas necessidades e expectativas. As idéias que

surgiram sobre o aperfeiçoamento mostram relevantemente a necessidade de relacionar-se, interagir com outros docentes, como relatam os educadores: “Os motivos pelos quais estou aqui participando deste grupo de estudos é ir à busca de novos conhecimentos fazendo relacionar-se o que sei e que o grupo tem para dividir”. “Gosto de discutir sobre educação e sinto necessidade disso para aprimorar meu trabalho”. A partir da interação dos conhecimentos dos docentes percebe-se que suas necessidades se aproximam. As opiniões apontadas sobre como desenvolver os temas escolhidos e os recursos a serem utilizados por esse grupo de estudos, mostram também, que os professores sabem quais os recursos que podem utilizar. Constata-se, entretanto, que falta um estímulo para que todas essas idéias venham à tona, sejam repensadas e colocadas em prática. Mas todo esse processo de aprimoramento não deve ser trabalhado de forma que o professor sinta-se avaliado negativamente, ou seja, o principal interesse é unir o grupo, favorecendo a integração com todas as diferentes áreas de conhecimento, tempo de função ou de opiniões divergentes.

Percebe-se nas falas a necessidade de participação, de convivência, de falar, de ouvir: “Refletir e ouvir o que meus colegas pensam de determinados assuntos pedagógico, agrada-me muito e a formação de um grupo de estudo”. Demo (2003, p. 71) escreve o seguinte sobre a importância do trabalho em equipe:

Trabalho de equipe: sem desfazer a importância da competência individual, em particular da especialização que tem forte tonalidade pessoal, uma realidade multifacetada exige abordagem multidisciplinar; colabora muito com a recuperação constante da competência o ambiente diversificado, aberto sadio, entre paradigmas científicos e concorrentes, complementares e mesmo antagônicos; ademais, é óbvio que um trabalho de equipe pode garantir muito mais o questionamento reconstrutivo, pois potencializa a capacidade crítica e reconstrutiva.

Existem vários fatores que desestimulam o docente a dar continuidade a sua educação. Em alguns encontros do grupo foi possível perceber que certos docentes faltavam ou não completavam suas pesquisas por motivo particular, assim, afastando-se muitas vezes da proposta da pesquisa. A maioria dos professores têm uma carga horária muito grande para poder, de certa forma, compensar, ainda que parcialmente, os baixos salários. Também o excesso de responsabilidades em administrar uma grande quantidade de alunos, a baixa auto-estima, o esquecimento de uma política voltada para as necessidades almejadas pela classe, são fatores relevantes que contribuem para o desinteresse do docente em continuar estudando.

Entretanto, apesar de todas as mudanças existentes, de um novo aluno, de uma nova sociedade, das dificuldades que os professores encontram em não ter, muitas vezes, os recursos e o apoio que necessitam, de serem às vezes taxados de *coitadinhos*, foram eles capazes de abraçar as mudanças, as dificuldades, mesmo sem estarem muitas vezes devidamente capacitados, contribuindo e nos encorajando a enfrentar os desafios da vida.

Borges (1996, p. 45) escreve sobre nossos conhecimentos em interação com nosso contexto com o universo:

Morin faz uma reflexão sobre os problemas da nossa cultura, inter-relacionando aspectos físicos, biológicos e antropossociológicos. Tudo o que conhecemos sobre o universo depende tanto das nossas estruturas mentais e das nossas emoções como das informações próprias do contexto histórico, científico, social e cultural em que vivemos.

Quanto a cursos oferecidos aos professores de algumas instituições, merecem maior atenção os seus verdadeiros propósitos. Muitos são verdadeiras armadilhas que atendem aos interesses de uma minoria, que visam a um negócio

lucrativo e não de aprimoramento. Oferecem muitas *vantagens e aprendizado*, para pouco desenvolvimento. Em alguns casos, o docente é mero receptor de informações, executando atividades individuais quando a integração de idéias seria uma opção mais coerente. Esses cursos compreendem que o aluno-professor é totalmente ouvinte. Existe pouca interação de informações entre os professores, para que possam formar uma concepção sobre o aprender e o ensinar. A maneira como esses cursos são ministrados nos faz refletir sobre o desafio de ser meramente ouvinte. Quantos realmente aproveitam, sendo somente passivos deste processo? A participação dos docentes, relatando suas experiências, fortalece a reflexão crítica sobre a prática do ensino. Antes de aplicar qualquer método ou técnica de ensino é importante aprender, avaliar, repensar o que de fato se deseja e o que se espera quando se ensina. Gadotti (2003, p. 31) se refere ao trabalho em grupo da seguinte forma:

Nesse sentido, devem-se realçar a importância da troca de experiências entre pares, através de relatos de experiências, oficinas, grupos de trabalhos: quando os professores aprendem juntos, cada um pode aprender com o outro. Isso leva a compartilhar evidências, informação e a buscar soluções.

O que ocorreu durante os trabalhos desenvolvidos com esse grupo de estudos foram, principalmente, as interações de experiências, o aprender um com o outro, as buscas de soluções, e uma vontade muito grande de continuar produzindo, relatando idéias que muitas vezes não são apresentadas ou expostas, porque muitos professores não foram preparados para isso. Os professores precisam ter participação, conhecimentos além das paredes de sala de aula. Necessitam experimentar e participar nas decisões da escola e da comunidade.

Algumas instituições de ensino superior deveriam repensar em estimular o professor a trabalhar em grupo, a produzir em grupo. A maneira como as instituições preparam seus futuros professores, ou seja, os primeiros ensinamentos, cooperaram na formação de uma sociedade cada vez mais egoísta, voltada para um pequeno grupo de privilegiados e, para que não se alastre esse mal, a alternativa está na educação como caminho da socialização, voltada aos valores do ser humano. Os surgimentos de falhas e de resultados demonstram um aprendizado individualista, separando alunos, professores, conteúdos e disciplinas e criando uma escola fora da realidade do mundo.

Na compartimentalização do ensino, o professor de Matemática é de Matemática, o de Ciências é de Ciências somente. Portanto, nem mesmo os docentes opinam sobre a construção da sua formação, pois não há como interagir com as outras disciplinas nas quais ele não tem preparação formal. A falta da relação de experiências com outras disciplinas fez o professor tornar-se solitário, individualista em suas decisões, separando a sua especialização do resto do mundo.

Assim, passa-se a enxergar o mundo separado em diversos pedaços, entre os quais não existem ligações. Como expressa Edgar Morin (2003, p. 42) :

Como nossa educação nos ensinou a separar, compartimentar, isolar e, não, unir os conhecimentos, o conjunto deles constitui um quebra-cabeça ininteligível. As interações, as retroações, os contextos e as complexidades que se encontram na man's land entre as disciplinas se tornam invisíveis. Os grandes problemas humanos desaparecem em benefício dos problemas técnicos particulares. A incapacidade de organizar o saber disperso e compartimentado conduz à atrofia da disposição mental natural de contextualização e de globalizar.

Os docentes tornaram-se especialistas, tendo o conhecimento da disciplina. Sabem o que falam, mas deixam de ouvir, investigar idéias, porque consideram sem

efeito seus conhecimentos, portanto, deixa-se literalmente de fazer parte das idéias gerais da comunidade, de responder, de ouvir opiniões. O que deveria facilitar a interação de conhecimento, passa a ser mais complexo, porque os professores não aceitam mais idéias simples. Como se percebe o interesse da professora nos trabalhos em grupo: “O grupo tem muita experiência de vida como educadores, então o ideal seria unir esta prática vivida com um embasamento teórico, buscando melhorar o meio educativo”.

O professor se apresenta individualista nessa trajetória, pois não interage com outros. Seu conhecimento é baseado na sua formação, ou seja, no mundo em que ele vive e criou para si, levando o aluno a um conhecimento limitado, pois surge de uma única visão. Como um único ser pode se sentir tão capacitado a ensinar a tantos? Como ensinar o aluno a trabalhar em sociedade, se nós educadores aprendemos a trabalhar individualmente?

As separações das disciplinas levaram o próprio indivíduo a trabalhar particularmente, não apresentando vínculos com seus cidadãos, envolvendo-se num trabalho solitário, a serviço de um grupo. Então como trabalhar sozinho? Decidir sozinho, quando falam a favor de um grupo.

Será que os paradigmas individuais servem para um grupo? O que é na verdade trabalhar sozinho ou trabalhar em grupo? O que é ensinar, aprender, quando se trabalha individualmente? Instruindo-se sozinho, tem-se as experiências de trocas de conhecimento?

Graças a essa educação atrofiou-se a compreensão, a reflexão e, conseqüentemente, a visão de resolução de problemas em longo prazo. Morin (2003, p. 43) comenta que o conhecimento é a maneira como se percebe o mundo:

A inteligência parcelada, compartimentada, mecanicista, disjuntiva e reducionista rompe o complexo do mundo em fragmentos disjuntos, fraciona os problemas, separa o que está unido, torna unidimensional o multidimensional. É uma inteligência míope que acaba por ser normalmente cega. Destrói no embrião as possibilidades de compreensão e de reflexão, reduz as possibilidades de julgamento corretivo ou da visão em longo prazo.

Quando se procura recursos diferentes que auxiliem na melhoria das práticas pedagógicas, precisa-se conhecer melhor um ao outro, pois muitas vezes procura-se e se encontra, mas não se sabe administrar, porque anteriormente não se analisou a procura, quais as melhorias, quais as mudanças como profissionais. Antes de procurar qualquer método, devem ser revistos conceitos, paradigmas, entraves que se formam como *vendas nos olhos*, impedindo de perceber a clareza de determinadas situações do dia-a-dia. Morin (2000, p. 33) coloca sobre o conhecimento e a auto-reforma:

O conhecimento do conhecimento, que comporta a integração do conhecedor em seu conhecimento, deve ser, para a educação, um princípio e uma necessidade permanente. Devemos compreender que, na busca da verdade, as atividades auto-observadoras devem ser inseparáveis das atividades observadoras, as autocríticas, inseparáveis das críticas, os processos reflexivos, inseparáveis dos processos de objetivação. Devemos compreender que existem condições bioantropológicas (as aptidões do cérebro/mente humanas), condições socioculturais (a cultura aberta, que permite diálogos e troca de idéias) (e condições noológicas das teorias abertas) que permitem “verdadeiras” interrogações, isto é, interrogações fundamentais sobre o mundo, sobre o homem e sobre o próprio conhecimento.

A Educação, sem dúvida, deve ser organizada de forma conjunta, para que não se torne limitada, sem efeito para o conhecimento coletivo. Educar hoje significa formar sujeitos capazes de transformar uma sociedade, mais unida, justa, voltada ao direito comum de harmonia, com a percepção que o mundo é um todo e, portanto, se faz parte dele.

Educar é unir o que foi separado, transformar o individualismo em trabalho de grupo, falar com clareza e estar aberto a ouvir, criticar com sabedoria e ser criticado com paciência, dar espaços a todos para que haja interação entre os conhecimentos, selecionar o que é melhor ao conjunto e, sem dúvida, ser capaz de organizar, manter um mundo de igualdade com todos vivendo em harmonia.

6.2 Melhorar o profissional

A categoria **melhorar o profissional** expressa a vontade deste grupo de estudos em procurar recursos que possam aperfeiçoar seu desempenho na função. Uma das professoras diz: “Precisamos expor nossos pensamentos e estudos para que haja um crescimento profissional e pessoal, por meio de debates, leituras, vídeos, etc, que nos possibilitam a melhorar cada vez mais”. Era considerado modelo de profissional competente o docente que retinha um alto conhecimento, chamado às vezes de *notório saber*, ou seja, uma grande capacidade de armazenamento de informações, ou memorização, que era colocado à disposição dos alunos por meio da transmissão. Referente ao ensino superior como uma etapa finalizada, Moraes (2004, p. 211) ressalta que “Dentre as reconstruções que podem ser encaminhadas num grupo, uma muito marcante é superar a expectativa de que a universidade tem respostas prontas para todos os problemas da escola”.

Com a mudança constante da sociedade e a conseqüente idéia de um novo profissional, hoje o conceito de docente competente é bem mais amplo. São inúmeras as competências que os profissionais de hoje devem desenvolver, apresentar e buscar. Essas competências gravitam em torno de um motivo:

Incentivar, conquistar o aluno a gostar de aprender, estimulando-o a aprender pela pesquisa. Ensinar a organizar idéias que possam auxiliá-lo na resolução de situações-problema. Que o aluno seja transformador, autônomo, responsável em tomar decisões que afetam a vida de outros. Para que isso ocorra o professor tem que incorporar a capacidade de incentivar o aluno à criatividade, conduzindo-o para aquisição de informações, com as quais ele possa interagir, envolver-se, aprender a lidar com elas e englobar desafios. Para que esse processo aconteça, o profissional de hoje deve estar em constante aperfeiçoamento, re-analisando, criticando seu papel de educador. Isso não significa que ele deva ser portador de todos os conhecimentos, mas que saiba buscar, interagir com eles e incentive o aluno a buscar e a organizar informações.

Significa saber trabalhar com o educando, auxiliando-o na organização desse acesso rápido e, muitas vezes, exagerado, de informações, possibilitando-o a compreensão do que de fato é *informação* ou *mera informação*. A formação do docente não finaliza na graduação, embora muitos ainda considerem a graduação como fase final do aprendizado, não dando continuidade aos estudos. Como expressa Demo (2003, p. 68)

Isto determina que o diploma não significa mais uma conclusão, mas apenas o reconhecimento de que um estágio se encerra, enquanto outros se iniciam, sem fim, no fundo, garante somente que se realizou uma etapa considerada, sobretudo do ponto de vista formal e jurídico.

A graduação qualifica, mas o aprimoramento deve ser constante. O professor deve buscar sua atualização permanente, usando recursos e oportunidades que favoreça a qualidade de ensino. Percebe-se o interesse na atualização permanente

na fala de uma professora: “Para colaborar com novas propostas em relação à Educação, procurando valorizar o nosso trabalho”. A educação continuada não se desenvolve, somente, nos cursos oferecidos e administrados por instituições, como muitos docentes acreditam, mas surge das idéias de uma formação de grupos de estudos. Com a formação de grupos de estudos, o professor pode aprimorar conceitos sobre a educação. O grupo organiza-se em torno de uma mesma proposta, por exemplo, melhorar a qualidade de ensino. Assim passa a questionar e a pesquisar idéias que vêm ao encontro destas propostas. Essa melhoria ou ampliação da qualidade de ensino que se busca surge também de um fator relevante, da qualidade de vida que se quer. Sobre o que os grupos de estudos podem proporcionar, Moraes (2004, p. 217) afirma que:

As vivências nos grupos de reflexão já organizados em escolas mostram que é importante, além dos aspectos cognitivos, focalizar também questões afetivas, éticas e políticas. Os professores das escolas mostram que compreendem a importância de eles próprios se assumirem sujeitos de sua formação, encaminhando assim uma educação continuada na prática cotidiana.

Ensinar não é simplesmente procurar novas técnicas para melhorar a compreensão da adição ou da subtração, mas sim formar um cidadão autônomo, questionador, que saiba trabalhar com as questões simples e complexas do dia-a-dia. Ou seja, que tenha responsabilidade com o social; que possa tomar suas decisões e faça reflexões empáticas, com princípios básicos de ética e da moral. A busca por uma melhora da qualidade de ensino é um trabalho constante, não é uma simples melhoria na didática, mas sim a procura de recursos que favoreçam a formação de um novo cidadão, voltado para a qualidade de vida.

A busca do aperfeiçoamento é significativa quando é um processo constante e permanente. Quando o professor decide procurar recursos de aprimoramento e fazer disso um objetivo, mesmo que o processo seja lento, será de grande valia para o seu aprimoramento profissional. Alguns professores procuram em seus cursos de aperfeiçoamento resultados imediatos, fórmulas prontas, resultados satisfatórios. Mas o processo de auto-reflexão e de crítica, mostra que muitos estão se avaliando e se questionando sobre a educação constantemente. Assim, um professor relata: “Buscar recursos para despertar o interesse dos alunos para que possam auxiliar na aprendizagem, repensando a prática educativa e, por fim, procurando alternativas diferentes de atuação em sala de aula”.

Com base na perspectiva de melhorar o ensino, buscando resultados positivos na aplicação desse processo de aprendizado e formando um cidadão melhor, é que os professores devem se dedicar à educação continuada.

A melhoria no ensino pode se refletir em vários sentidos e aspectos do agir pedagógico, em várias decisões que nós professores, em nosso dia-a-dia, precisamos tomar durante a nossa caminhada como educadores. Decisões não refletidas, mas intempestivas, podem às vezes trazer mais transtornos do que as que surgiriam da abstenção. A educação continuada permite manter afinada nossa sensibilidade, que permite distinguir entre a conveniência do fazer e a do não fazer, ou do refazer todo esse contexto que envolve o ensinar e o aprender. Significa que o professor não deve restringir sua ação a técnicas que possam simplesmente melhorar a maneira de introduzir um determinado conteúdo, mas também ampliar e aprofundar sua relação pessoal com o aluno, seu comportamento perante decisões, opiniões alheias e seu respeito em relação às características que cada ser tem em

se manifestar nas suas relações com a vida. As palavras abaixo de uma professora do grupo demonstram essa idéia: “O professor exercita sempre seu autocontrole, usando o bom-senso na tomada de decisões. Somos exemplos nos atos, nos gestos. Não existe separação quando se está exercendo a profissão ou quando não se está. Para nossos alunos somos e sempre seremos professores”.

A maneira de se expressar, de resolver situações, de se conduzir diante das dificuldades e alegrias da vida, com certeza se reflete nas atitudes dos alunos, pois os professores são constantemente observados por eles e são exemplos em suas vidas. Essa responsabilidade se reflete na fala da professora: “Somos exemplos para os alunos, temos que ter postura nas atitudes em sala de aula”.

A educação continuada que assim se apresenta é mais do que uma possibilidade de ampliação de técnicas que facilitam a introdução de conteúdos. Ou seja, é capaz de qualificar a relação professor-aluno e atualizar a concepção sobre a educação como um todo, incluindo a avaliação final.

Essa percepção distorcida pode ser a causa de muitos professores buscarem modelos de aperfeiçoamento, entusiasmando-se e colocando em prática técnicas aprendidas, mas que perdem seu efeito aos poucos. Diante disso, eles não se preocupam em rever os conceitos que tinham e que se mantêm na maneira de ensinar. A busca de uma técnica que possa melhorar a qualidade de ensino é importante, mas o rever, o repensar o conceito de ensino também deve acompanhar essa técnica, sob pena de comprometer a qualidade de ensino que é o objetivo dessa busca.

6.3 Gostar da profissão

A categoria **gostar da profissão**, expressa a diferença entre ser professor e ser educador. Professor é um cargo, uma profissão. Educador é, além disso, gostar do que se faz, é expressar as tarefas mais complexas em desafios do dia-a-dia. É o desafio de saber trabalhar com o ser humano, formando cidadãos. Ser educador é ter vocação, aprender a observar situações de conflitos, transformando-se em lição de vida para ambos. É ser parte do acontecimento, com a visão do que pode acontecer fora. Essa é a diferença entre ser professor e ser educador. São dois os tipos de profissionais que encontramos, o que exerce sua profissão e o que educa. O que exerce sua profissão desempenha-a em seus mínimos detalhes, elaborados por outros, copiando-os na íntegra.

O educador exerce o seu papel ao elaborar o seu próprio ensinar a partir das situações vividas por seus alunos. Faz uma pausa para as reflexões e propõe desafios que surgem ao longo de sua trajetória. Um, expressa a função, o outro vive as emoções, expressa emoção, interage com a vida e com o coração.

A profissão de professor pode sobreviver, mas, sem dúvida, a profissão de educador sobressai em todos os sentidos ao educar para a vida, educando e formando um cidadão melhor, não repetidor de idéias ou individualista.

A importância do gostar do que se faz, de ser educador, pode ser observada nas falas de uma professora: “O professor tem que ter sensibilidade na sua profissão e mostrar que gosta do que faz, deve se questionar constantemente”.

Com a evolução da sociedade, o avanço da tecnologia e a rapidez da informática, automaticamente se passa a trabalhar nessa mesma velocidade ou,

pelo menos, somos levados a isso, e tentamos acompanhar. Queremos uma comunicação mais rápida, encurtar distâncias, aumentar o número de horas do dia, para se ter mais tempo para aprender a diminuir o tempo de espera. Esse profissional encontra seu espaço perfeito em estabelecimentos que exigem um alto desempenho num curto período de tempo. E essa idéia é bem expressa em cursos que exigem do professor que *produza* alunos capazes de passar no vestibular ou em concursos. Acaba-se trabalhando na mesma velocidade das máquinas.

Esse profissional ensina a teoria separada das questões reflexivas. Ele até tenta, mas não ensina o aluno a desfrutar, a relacionar, a questionar, a pesquisar. Já o educador ensina partindo das lições da vida que são aprendidas ao seu tempo, pois a pressa, às vezes, é inimiga da perfeição. Para Alves (2003, p. 37), educador e professor são definidos assim:

Talvez que um professor seja funcionário das instituições que gerenciam lagoas e charcos, especialistas em reprodução, peça num aparelho ideológico de Estado. Um educador, ao contrário, é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos.

6.4 Formação do grupo de estudos

No ano de 2004, em uma aula do Mestrado - em que eram tratados assuntos sobre educação continuada de professores e, na qual, eu e meus colegas tínhamos que pesquisar sobre determinados temas – vivenciei um contexto interessante que originou a presente dissertação, ou seja, despertou-me para a importância de se pesquisar, falar e escrever sobre educação continuada de professores. Esse tema,

com certeza, traria as respostas para muitos anseios com que se deparam os professores em determinadas situações.

A inspiração de tratar sobre esse tema na dissertação iniciou nessa aula. Desenvolvi o pré-projeto, esclarecendo e apontando as idéias que seriam trabalhadas ao longo da prática. Toda a parte teórica inicial foi desenvolvida durante o ano de 2004, e projetada para o ano de 2005 a parte prática. Assim escreve Moraes (2004, p. 210) sobre a formação de um grupo de estudos:

Quando a opção por organizar um grupo for coletiva torna-se um processo natural que todos participem das decisões sobre os modos de condução e organização dos trabalhos. Ao longo dos encontros poderão ser procuradas diferentes formas de estruturação de grupo, especialmente no sentido de atingir alguns objetivos, promover um trabalho mais integrado em determinadas áreas do currículo ou poder focalizar mais determinados temas.

Colocar em prática talvez poderia ser uma tarefa difícil e de grande responsabilidade. Haveria neste contexto professores de conhecimentos variados, de opiniões diferentes, com anos de experiências, ou não, que poderiam trazer benefícios como também divergências. Mas a meta de formar um grupo de estudos, de pesquisar temas, de levar as novas idéias a outros colegas era um grande objetivo e um desafio.

Sobre a manifestação de idéias diferentes e divergentes, Moraes escreve (2004, p. 210): “Mesmo quando o trabalho de um grupo reflexivo em uma escola se estrutura a partir de uma opção coletiva, manifestam-se resistências e dificuldades na reconstrução das teorias e práticas dos participantes”.

Em abril do ano de 2005, comecei a implementar a parte prática da dissertação. Inicialmente a proposta era levar a idéia da pesquisa a uma escola de um município vizinho da minha cidade. Mas, por sugestão de uma professora da rede particular de ensino, desta cidade, expus a idéia ao grupo de docentes. Essa decisão traria vários benefícios, como o trajeto, o tempo, o local, os materiais para uso. Então, levei a proposta à Direção, que acolheu a idéia e ofereceu todos os recursos materiais que iríamos precisar.

Aproveitando a oportunidade, a Direção sugeriu que trabalhássemos paralelamente o tema “disciplina em sala de aula”, pois era um dos problemas que mais afetava a rotina escolar.

Em uma das reuniões pedagógicas tive a permissão para anunciar a proposta e convidar os professores a participarem. Foi muito interessante, pois para minha surpresa, vários se manifestaram. Entretanto surgiu o primeiro contratempo: os professores sugeriram dias diferentes para os encontros. Uns podiam em determinados dias, outros não, então se decidiu que os encontros aconteceriam nas quartas-feiras, pois estaria presente um maior número de participantes.

Em relação à participação do docente em grupos de estudos, Moraes (2004, p. 216) ressalta que:

Em todo movimento de um grupo que se propõe a reconstruir teorias e prática em uma escola é importante que a participação seja voluntária. Assim, ainda que uma liderança seja essencial, também é importante que no grupo se consiga respeitar os ritmos individuais, dar tempo ao tempo para cada um poder progredir dentro de suas possibilidades.

Formou-se um grupo com sete professoras de diferentes áreas, duas de Matemática e Português, uma de Biologia, uma de Física e outra de Geografia. As

reuniões quinzenais, que iniciavam às 14 horas e terminavam às 16 horas, aconteciam às quartas-feiras e respeitavam sempre as semanas intensas que eram as de finais de trimestres. Foram 14 encontros, que iniciaram em abril e terminaram no final de setembro.

Formalizou-se um convite, exposto no mural da escola, convidando a todos e anunciando que os encontros seriam às quartas-feiras. Além disso, foram determinadas as etapas que seriam trabalhadas, para que se tivesse uma noção do tempo, e assim fossem distribuídas às tarefas.

No primeiro encontro relatei a proposta, os objetivos, à sugestão da Direção e questionei se todos estavam de acordo. Aproveitando a ocasião, formalizei algumas questões para serem respondidas, as quais já foram citadas anteriormente. As questões envolvem a motivação para o ingresso no grupo de formação e estudos, as expectativas e os temas que todos gostariam que fossem trabalhados. Assim, alguns professores (as) escreveram: “Para colaborar com novas propostas em relação à educação, procurando valorizar o nosso trabalho”. “Gosto de discutir sobre Educação e sinto necessidade disso para aprimorar meu trabalho”. “A Denise, em primeiro lugar; é uma colega muito vibrante e entusiasmada; em segundo lugar é muito bom ter a oportunidade de estudar com colegas professores, trocar idéias, fora do compromisso com a instituição”.

Formalizadas as datas dos próximos encontros e estipuladas as tarefas que caberiam a cada uma, finalizou-se o primeiro encontro com uma sensibilização e uma oração em agradecimento à oportunidade.

Exemplo de convite usado para avisar os encontros.



Para: Queridos Colegas

De: Denise O Dias

Estou convidando a todos para participarem do nosso grupo de estudo que iniciará amanhã, dia 05 de abril, às 14 h, na sala dos professores.

Conto com a participação de todos para que possamos formar um grupo de grandes lições.

Beijos e abraços.

Denise Dias

a - A organização do primeiro encontro

O encontro foi organizado com etapas a serem desenvolvidas, idéias que motivassem esse grupo a manter-se interessado pela proposta, com as metas a serem atingidas e o tempo estipulado. Foram escritos alguns tópicos interessantes para um bom direcionamento do trabalho, como: palavras que expressassem motivação, dedicação, responsabilidade, compromisso, convite, sensibilização, questionário, oração, marcar datas de outros encontros, slides, computador, propostas, temas, datashow, o uso de um programa de redes virtuais como meio de comunicação, facilitando a interação de idéias entre o grupo.

b - O primeiro encontro

No dia 05 de abril de 2005, às 14 horas, na sala de vídeo do Instituto de Educação São José, as professoras começaram a chegar no horário marcado, e o desenvolvimento do trabalho iniciou aproximadamente às 14h30min. Todas conversavam entusiasmadas sobre vários assuntos.

Conforme planejado, foi entregue e lido um texto com explicações sobre o desenvolvimento do projeto. Utilizou-se como recurso o datashow, em que foram apresentadas as idéias sobre disciplina, com pausas para reflexões dos professores. Todas participaram, opinando.

Houve o consenso de que os fatos sobre a indisciplina dos alunos estavam ali, expostos, mas era necessário ver, ler, rever, conceitos e pré-conceitos com o

intuito de reorganizar e melhorar as atitudes e idéias sobre o tema. Sobre as transformações que surgem num grupo, escreve Moraes (2004, p. 211)

Ao iniciar-se um trabalho em um grupo reflexivo sempre existirão idéias e teorias que se manifestam constantemente nos trabalhos. Se a proposta é transformar a realidade escolar, essas teorias e práticas, seguidamente cristalizadas ao longo de muito tempo, precisaram ser questionadas no sentido de sua superação.

O assunto sobre a disciplina em sala de aula abordava o aluno que se encontra nos tempos atuais, as mudanças que ocorreram nos últimos períodos, que problemas surgiram, quais os caminhos a seguir, e a procura de soluções. Uma visão geral da ação e, conseqüentemente, sua reação. De fato, concordou-se que teríamos todas muitas idéias e situações em mente, mas precisaríamos rever isso, para analisarmos, repensarmos, sobre nossas atitudes como docentes.

A maneira de conduzir a pesquisa e os assuntos escolhidos partiram do grupo. Todos os textos que foram encontrados eram trazidos ao grupo e discutidos. Vários livros vieram da Biblioteca Central da PUCRS, textos foram escolhidos, xerocados e distribuídos aos integrantes do grupo. Cada um era responsável pelo seu texto, para analisar e expô-lo ao grupo. Os encontros foram registrados com a escrita e gravação das falas dos professores (ver anexos). O tema disciplina foi tratado durante vários encontros. Além disso, foi produzido um texto sobre o assunto e inserido nesta dissertação.

Foram encontros marcantes, pois o grupo descobriu afinidades como analisar e pensar juntos, sem ter preconceito ou receio de expor a opinião. O grupo, que planeja continuar os encontros em 2006, aceitou participar do projeto sugerido pelo professor Roque Moraes em conjunto com a FINEP. Os próximos encontros terão o

mesmo objetivo, visando à realização de pesquisa que será tema de artigos a serem expostos em encontros de Educação. Sobre o processo e o andamento da pesquisa em grupo Moraes (2004, p. 215) expõe que:

Cada um compreende e interpreta as realidades a partir de suas próprias teorias. Não conseguimos enxergar além de nossas teorias. Isso implica em que num grupo de reflexão de professores todos tenham de exercitar um esforço de sintonização com as teorias dos colegas.

O segundo tema discutido nos encontros foi à relação interpessoal professor-aluno, obedecendo às mesmas características anteriormente apresentadas.

c - Os imprevistos

Imprevistos surgiram, mas se ressalta o compromisso e a postura dos professores em tornar esta pesquisa algo prazeroso e desafiador, assumindo suas tarefas dentro de suas possibilidades e expectativas.

O uso da informática e seus recursos, às vezes, tornaram-se um entrave, pois houve uma relutância por parte de alguns. Percebia-se uma tensão quando solicitado o uso do mesmo. Algumas tarefas não foram cumpridas por fatores ou situações particulares de cada um. Alguns textos não foram analisados, houve faltas aos encontros, ou ainda, ou simplesmente a leitura de textos foi realizada, mas não sua interpretação. A escrita, proposta também como forma de expor as idéias pessoais foi, ocasionalmente, muito reduzida. Em alguns momentos, dava-se uma pausa nos trabalhos para desabafar, auxiliar colegas que necessitavam de uma atenção maior. Os encontros prosseguiram com entusiasmo, mas às vezes sem a

menor vontade de produzir. Todo esse esforço nos auxiliou a reconhecer uma certa semelhança entre nossas atitudes e, como os alunos se sentem, ou agem, quando os interesses fora da sala de aula chamam mais atenção do que a participação nos assuntos propostos naquele ambiente. Referente aos imprevistos que afetam os trabalhos desenvolvidos, escreve Moraes (2004, p. 223):

Nem sempre, porém, os professores demonstram encontrar um lugar de aconchego para suas opiniões, calando-se diante do grupo e, de certa forma, dando a quem fala o aval para representá-los. Somente por meio de um contato cada vez mais estreito com os professores será possível reconhecer os motivos pelos quais cada um opta em falar ou calar.

6.4.1 Os temas da pesquisa

Conforme citado anteriormente, o primeiro tema pesquisado foi “Disciplina em Sala de Aula”, paralelamente, com o projeto organizado pela escola e sugerido pela equipe diretiva da escola e aceito pelo grupo de estudos. Ficou dividido nas seguintes etapas: Argumentação inicial sobre o assunto, relatos de experiências, pesquisas com textos, vídeos, etc., e, finalizando, a retomada do tema com relatos sobre a nova visão e o que veio a influenciar na prática pedagógica.

O segundo assunto abordado foi a “Relação Interpessoal professor-aluno”, seguindo os mesmos passos. A idéia, conforme sugerida na pesquisa sobre educação continuada de professores, foi mostrar o quanto é importante refazer nossas ações pedagógicas como educadores. A busca, a pesquisa, o estímulo, gerou um professor capaz de procurar recursos para a melhoria da qualidade de ensino, desenvolvendo-o em parceria com outros professores. Esse estímulo foi

lançado no trabalho de pesquisa, e aceito por eles. O desenvolvimento da proposta resultou em professores mais autônomos, flexíveis em aceitar e argumentar sobre novos conceitos em Educação.

A pesquisa enfocou a transformação do professor na trajetória do processo. A intenção era gerar um estímulo para a pesquisa e não trabalharmos em um único tema, aprofundando-o, mas sim mostrar o refazer pedagógico que poderia ser implementado a partir do conhecimento pré-existente.

6.4.2 Disciplina

Disciplina é definida como um regime de ordens impostas ou consentidas. Ordem que convém ao bom funcionamento de uma organização, como ocorre nas relações de subordinação do aluno ao mestre e, também, submissão a um regulamento. A disciplina é formada por regras que foram organizadas, presumivelmente, a favor da ordem, de modo a incentivar uma postura que favorecesse a moral e os bons costumes. Assim descreve a disciplina em sala de aula, SILVA, Rosa Maria. Professor e Aluno no Centro das Emoções. In: KULLOK, Maisa Gomes (org.). **Relação Professor-Aluno**. 2002, p. 56

Não podemos esquecer que a disciplina é necessária para se evitar as futuras perturbações de caráter, mas que tem, na sala de aula, um espaço adequado para ser trabalhada. Não estamos falando daquela disciplina na concepção tradicional, ainda usada nas escolas, que exige o silêncio, docilidade e passividade da criança, pois entendemos que este procedimento é impróprio ao ensino, podemos reprimir a criança ao invés de desenvolvê-la melhor.

A disciplina na educação ainda tem como característica o professor dominador, aquele que dirige a sua aula sem a intervenção do aluno. Sente-se afrontado quando surge uma nova idéia, uma tentativa de confronto de conhecimentos ou um questionamento maior. A característica do professor dominador vem de uma proposta tradicional, que no momento entra em conflito com a nova geração de alunos. O estilo do aluno na proposta tradicional, de certa forma, podia ser aceita com facilidade pelo sistema e pelo professor, pois o educando tinha uma postura de ouvinte e não de questionador.

Sobre a educação, Tardeli (2004, p. 14) descreve:

É pela educação que é possível aprender a se comunicar e a desempenhar um papel responsável na sociedade. E ainda, é objetivo – não menos importante – do processo educativo avivar, de forma permanente, as faculdades criativas e imaginativas.

As mudanças na sociedade e o desenvolvimento da tecnologia e da informatização, como também dos meios de comunicação, favoreceram o nascimento de um aluno novo, que participa e discute idéias. Pais, escolas e sociedade não estavam preparados para o desafio de ter um discente participativo nas tomadas de decisões. Com isso, geraram-se conflitos. Entendeu-se como afrontamento as características de postura da nova geração em relacionar-se com o mundo. Os pais e as escolas insistiam nos mesmos padrões de comportamento, pois até o momento a educação tradicional tinha obtido *bons* resultados. Mas a prática habitual produziu o choque de idéias, de posturas diferentes, um sentindo-se afrontado e outro se sentindo incompreendido.

Com o avanço tecnológico, as mudanças na comunicação e a nova postura do educando, surgiram os questionamentos que fizeram pais, escolas e sociedade refletir sobre a formação desse novo cidadão. As conseqüências da aplicação da educação tradicional representavam um entrave ao desenvolvimento do conhecimento desse novo educando. A sociedade tradicional passou a questionar as mudanças e as alterações que favoreciam essa nova geração, que pudessem estimular a interação com seu meio, sem o sentido de afrontamento.

Os pais e as escolas não estavam preparados para trabalharem com essa nova situação, ambos se eximiam das responsabilidades. A escola passou a exercer um papel fundamental para a educação, ou seja, a de reestruturar-se para atender esse novo aluno e de executar um trabalho em conjunto com os pais a favor dessa reestruturação. Assim descreve Ludwig Wittgenstein (op. Cit., citado por ALVES 2003 p.72) “Educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade, e ele é mediado pela linguagem porque os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”.

As mudanças da sociedade deram origem também a pais mais ausentes. Se antes, com os pais mais presentes, não havia comunicação, com a ausência deles o relacionamento com a nova geração diminuiu, gerando um novo conflito.

A nossa sociedade tem por característica o consumo, a compra. E, em troca da compra e do consumismo, horas de trabalho consomem momentos de lazer. Passou-se a compensar essas horas de afastamento dos filhos com a aquisição de bens de consumo, que por sua vez são descartados e substituídos continuamente. Trocaram os momentos de relacionamento por presentes, para suprir a ausência dos pais.

Ao dar tudo, os pais estão impedindo que os jovens conquistem e busquem. São educados para ter, para obter, sem ter o gosto da conquista. A visão que se tem é de que tudo é fácil de adquirir, sem esforço além do trabalho, e que os pais devem satisfazer seus desejos, e a eles cabe o querer, o exigir. Essa mesma idéia os alunos levam para as escolas, onde requerem seus direitos sem cumprir seus deveres. Para Rubem Alves (2003, p. 102): “Na educação busca-se levar o indivíduo a aceitar voluntariamente as regras do jogo social, instruindo-o no conhecimento que o tornará um cidadão útil. A coerção violenta aparece quando a coerção voluntária falhou”.

A criança se distrai durante um bom tempo quando está em frente à televisão ou ao computador, resultando daí um cidadão que ouve e vê o que considera interessante para si, e o que não o interessa, descarta, troca, deleta. A sua interação com o mundo resulta somente do que lhe interessa. A televisão e o computador mostram um mundo mais fácil, mais colorido, sem esforço e, ao mesmo tempo, exigem deles atitudes que não favorecem um esforço de interação. Diante disso, a criança passa a não ter limites, pois são poucas as oportunidades de interações com os pais. A televisão e o computador não substituem a interação com a família, apenas mostram um mundo fascinante, cheio de pessoas bonitas e saudáveis, sem problemas.

A constituição das famílias também não é mais a mesma. Mães são chefes de família, existem madrastas e padrastos, e pais que negam pensão aos filhos e são generosos com os enteados e assim segue. A nova sociedade gerou novos conflitos. Conflitos que se refletem na escola, nas atitudes repentinas de resultados

irreversíveis, como a morte de índios queimados, o descaso com o meio ambiente, a falta de perspectiva, a falta de interação com o meio.

Os resultados desse processo de criação de uma nova sociedade já surgiram, e cabe à sociedade refletir e colocar em prática, atitudes que favoreçam o equilíbrio e a harmonia de viver em um mundo melhor e igualitário. Alves (2003, p. 102) afirma que:

Aceitar como paradigmático o jogo da educação para a integração social significa aceitar como um valor positivo à sociedade à qual o educando deverá se ajustar. Neste caso aceitamos que a ordem social vai muito bem. Não é ao seu nível que se localizam os problemas a serem resolvidos. Os problemas se localizam, ao contrário, ao nível da consciência que resiste ao processo de integração. Cumpre, portanto elaborar uma “engenharia do comportamento” que, valendo-se das contribuições da psicologia e da sociologia, seja um instrumento eficaz para produzir o comportamento funcional desejado.

6.4.3 O texto organizado sobre disciplina em sala de aula pelo grupo

a – A disciplina de ontem

Os alunos usavam uniformes, de modo que não deixavam o corpo à mostra. Era uma maneira de não cobiçar ou desejar o corpo do outro.

Faziam-se filas organizadas e, ao soar de um toque, todos se posicionavam à espera do professor. Era um silêncio absoluto, um atrás do outro, direto para a sala de aula.

As classes eram posicionadas umas atrás das outras e assim os alunos se distribuíam. O professor lá na frente ao quadro, bem à vista do aluno.

O silêncio predominava. A palavra era dada ao aluno, quando o professor dava permissão. Se por algum motivo acreditava-se na indisciplina de um aluno, vinha à punição, palmatória, excesso de exercícios, perda do recreio.

Os recursos utilizados eram o quadro, o giz, o conhecimento do professor. Este era o centro do conhecimento. Não havia questionamento sobre seu saber.

O recreio tão esperado, também, tinha suas restrições. Podia-se brincar com uma certa ordem para não danificar o patrimônio escolar. Também a moral e os bons costumes faziam parte deste contexto.

As lições eram tomadas em partes, oralmente, e se finalizava com provas escritas, em que o aluno tinha que provar realmente que cumpriu com todas as suas tarefas como estudante.

A escola era o centro do conhecimento, lugar onde todos cobijavam, não importando os “sacrifícios” que ali se exigiam.

Os nossos mestres eram soberanos, nossos pais exigentes e nós aprendíamos a conviver com todos esses limites, porque tínhamos um objetivo, compartilhar deste centro de conhecimento chamado escola.

O pai trabalhava fora, a mãe ficava com os afazeres de casa e, portanto, estava ela mais próxima dos filhos. Nesta época, o pai era o chefe da casa, a autoridade maior. Bastava um olhar direcionado ao filho que ele sabia que a palavra final era do pai. Sem contestação.

Quem são os frutos desta disciplina? Somos em parte hoje pais e em boa parte avós. Que tipos de frutos nasceram? Frutos que participaram de uma disciplina que administrava o limite, em que se aprendeu a ouvir, escrever, a

respeitar a experiência dos mais velhos, que *suavam* a camisa em busca de um objetivo.

b – A disciplina de hoje

Passou o tempo, e as atitudes mudaram, graças ao poder de conhecimento do homem. Aqueles frutos ainda sobrevivem às modificações, mas deixam para trás uma disciplina que não volta mais.

No centro do conhecimento, encontram-se novos tipos de alunos. Uniforme não é mais obrigatório. Fila? Qual é o objetivo disso? Ficar um atrás do outro?

Toca o sinal, lá vão todos em uma certa ordem que parece mais desordem.

As classes são em filas, de lado, em círculo, juntas. Chega o mestre, dono do conhecimento. Dele! Silêncio? Olha e observa o aluno. Com quantos alunos ele fala ao mesmo tempo? Quantos alunos ele ouve ao mesmo tempo?

E o professor ouve: Um turno inteiro sentado, ouvindo, escrevendo, fazendo exercícios, trocando idéias. Para quê?

Olha o mundo lá fora! Lojas, Internet, celular, jogos, cinema, tudo de bom. Meu objetivo! Que objetivo? Hoje é que é importante. O agora. Eu quero falar. O mundo faz parte de mim. Eu sei o que faço. Sei o que quero. O importante é o agora.

Visitar amigos, para quê? Manda um e-mail. Não é escrever uma carta, pois nosso português *tb já ñ é + o mesmo*. Conversas e fotos, tudo via Internet para se conhecer.

Os tempos são outros, vivemos em uma sociedade que quer mais dar presentes de uso material do que sentimental. Alguns pais trabalham o dia inteiro à

procura de ter mais e mais. Certos pais substituem o tempo longe dos filhos presenteando-os com diferentes tipos de aparelhos. O problema é: quem arca com esses aparelhos tão fabulosos e cada vez mais atrativos?

As famílias mudaram seu modo de agir. Mães são chefes de família. Famílias são a união de outras famílias, pai, padrasto, mãe, madrasta, enteados, filhos. Todo esse contexto de mudança gerou um novo comportamento, uma nova visão sobre a educação e sobre a maneira de como lidar com a questão de disciplina em sala de aula. Sobre essas mudanças sociais Aquino (1996, p. 41) escreve:

Ora, com a crescente democratização política do país e, em tese a desmilitarização das relações sociais, uma nova geração se criou. Temos diante de nós um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas em certa medida, aguardamos como padrão pedagógico à imagem daquele aluno submisso e temeroso. De mais a mais, ambos, professor e aluno, portavam papéis e perfis muitos bem delineados: o primeiro, um general de papel; o segundo, um soldadinho de chumbo.

c – Relação família e escola

Conversar com os filhos e abraçá-los, ainda acontece, mas são atos que estão em extinção. Muitos esquecem que afinidades se conseguem com trocas; *receba este presente como forma de meu amor.*

Pais dizem bom dia - quando deixam seus filhos na escola - e voltam dizendo boa noite. Esses mesmos pais, fruto de uma sociedade que exige cada vez mais deles, são os que menos participam das atividades dos filhos, e os primeiros a apontar os erros na educação.

Por um lado, os pais culpam a escola e a escola culpa os pais. Para alguns, a escola é responsável pelos erros, pois não impõe limites, não consegue preparar o aluno para passar no vestibular, para ter o melhor o emprego, ser o futuro empresário bem sucedido. E para os problemas que surgem os pais respondem: Qualquer problema escreva na agenda, que como pai irei agendar um horário em breve, dizendo o que a escola deve fazer, já que não consigo ou não posso fazer pelo meu filho, pois como ele irá compreender se as poucas horas que disponho de interação com ele, servirão para falar de problemas que surgiram na escola.

O período em que os filhos ficam na escola é maior do que o período que ficam com os pais, portanto, recaindo sobre ela a maior responsabilidade com a educação.

O resultado de tantas idas e vindas, das procuras de culpados e não de soluções, reflete na sociedade em que vivemos. Destruindo a natureza, matando pessoas, roubando, não respeitando limites e nem distinguindo o que é ser e ter família.

O mundo tornou-se solitário para esse cidadão, que não aprendeu a relação de interação e de harmonia com os outros, a relação de respeito à vida e à preservação da mesma.

d - A tecnologia na comunicação

A tecnologia nos favoreceu com a magia de nos comunicarmos com o mundo, de norte a sul. Basta comparar a comunicação que havia entre as famílias, as

relações entre pais e filhos. Na hora do almoço, todos ficavam em silêncio. Bastava um olhar do pai para o filho, isso significava silêncio, respeito.

E hoje? Apesar de não estarem tão presentes na vida dos filhos, os pais se comunicam mais. E a tecnologia faz parte deste contexto.

As mães faziam os afazeres domésticos, os pais trabalhavam para o sustento da família, a troca de idéias praticamente não existia, pois as palavras dos pais eram soberanas. Havia respeito, mas não a comunicação de falar e ouvir, pois um falava e o outro calava, aceitando sem contestação. Hoje criamos uma relação em que os filhos têm participação nas decisões, expressando suas idéias de diversas maneiras: portanto, hoje a tecnologia facilitou com acesso rápido à comunicação de curta ou longa distância.

Os pais dizem o que é errado para o filho, mas o filho também diz o que é errado aos pais, porque se sente livre para falar. Cabe a nós, pais, usarmos isso a favor de uma convivência melhor e não como uma comparação do ontem com o hoje ou com falta de respeito. Os tempos mudaram, o passado já não volta mais, serve como exemplo, mas não como receitas eternas que se adaptam a todas as situações e comparações.

O mundo não é pior com todas as tecnologias, ele é diferente. Tardeli (2004, p. 14) comenta sobre as constantes transformações:

As constantes transformações sociais nos fazem estar sempre interpretando e ressignificando as várias formas de relações e manifestações humanas. Todo processo educativo, então, deve permitir ao indivíduo combinar a aquisição dos conhecimentos formais e não-formais, para que haja a possibilidade real da construção. Nessa construção, a estruturação dos aspectos cognitivos e o desenvolvimento da criatividade são essenciais, pois contribuem para a percepção de si próprio, fundamental para a vida em coletividade.

A sociedade é diferente, a geração é digital, a era é do conhecimento, da informação. A tecnologia nos facilitou a comunicação. Mandamos e-mail e em segundos temos a resposta. A tecnologia nos facilitou a aproximação com quem está longe; participar de encontros à distância. Hoje temos a oportunidade de nos expressarmos com coragem em situações nas quais antes ficaríamos constrangidos. Podemos escrever, falar e ver, em segundos, independentemente do lugar onde estamos. Basta usar a tecnologia, e pronto.

Mas poucos têm acesso a essa tecnologia e, nas instituições que dispõem desse instrumento de ensino, muitos ainda não sabem usá-la.

Devemos refletir que cidadãos queremos formar, quando a eles não é facilitado o acesso aos meios de informação.

e – Refletir sobre a disciplina

Antunéz (2002, p. 22) escreve sobre a indisciplina:

Entende-se por indisciplina os comportamentos disruptivos graves que supõem uma disfunção à escola. Os comportamentos indisciplinados simplesmente obedecem a uma tentativa de impor a própria vontade sobre a do restante da comunidade. Se for um aluno, dizemos que é difícil, indisciplinado, diferente... se for um professor, dizemos simplesmente que é autoritário.

A escola, os pais e a comunidade devem organizar uma estrutura em que o processo de ensino-aprendizagem favoreça os alunos a compartilhar e viver em sociedade. Essa estrutura precisa estimular o aluno a compreender para que serve a disciplina e como aplicá-la, favorecendo o seu bem-estar e o de todos. Incentivando o respeito, a harmonia, aprendendo a lidar com os limites de cada um, envolvendo o

aluno de tal maneira que passe a trabalhar em favor do grupo, procurando sempre soluções, melhorias para a comunidade e não em benefício próprio, assim transformando-se em um cidadão capaz de viver bem consigo e com os outros.

Para que aconteça essa transformação é importante que o educador tenha paciência para enfrentar as barreiras e os obstáculos que virão, pois não será na primeira dificuldade que deverá abandonar os seus objetivos, mas sim reforçá-los.

É preciso romper barreiras, *suar a camisa*, ter um por que e para que, saber ouvir e não só falar, ter momentos de reflexão, de silêncio, de respeito, de limites, amor ao que se faz, mas isso só será possível se houver união entre os educadores, equilíbrio da balança, pesos equivalentes. O que a escola decide junto com os pais deve ser cumprido e não esquecido. Ou seja, todos devem adotar a mesma postura e linguagem, saber dizer sim e também não. Respeitar as opiniões e aprender com elas.

Filhos são para sempre, e a condição de ser pai também.

Uma criança que cresce em um ambiente de contradições, onde um diz não e outro diz sim não tem parâmetros do certo ou errado. Passa a fazer chantagem, manipulando aquele lado que satisfaz seus caprichos, assim incentivando o materialista, pois só compreende o ganhar, e não o conquistar.

A disciplina deve ser trabalhada continuamente, não existe uma fórmula que atenda a todas as situações. Isso significa que deve ser retomada, analisada, assim visando atender as necessidades do grupo.

O modo de agir das pessoas está em fase de mudança, por isso devemos analisar e rever nossa compreensão do que é disciplina e como envolver toda a comunidade neste contexto. A disciplina, conforme descreve Aquino (1996, p. 53),

“torna-se, então, vetor de rebeldia para consigo mesmo e de estranhamento para com o mundo – qualidades fundamentais do trabalho humano de conhecer”. A maneira como lidamos com as situações que envolvem o impor a disciplina podem ajudar, como também prejudicar todo um processo.

O poder de impor e a autoridade têm suas diferenças. No domínio do poder as pessoas fazem o que se quer/espera. No domínio da autoridade as pessoas querem fazer.

Tanto pais quanto professores deveriam ter relação de autoridade e não de poder. Quando se tem uma relação de poder, pode-se gerar a indisciplina.

Os alunos agem por imposição e, por isso, alguns podem se rebelar não fazendo ou então praticando muito o mal. Entretanto, podemos acreditar que o professor vá ter uma aula com 100% de participação dos alunos.

Imagine a sala de aula como um sistema dinâmico e auto-regulável onde tudo pode se organizar e reorganizar-se, mas é aberto às influências externas (interesses particulares, situações da sociedade). Hoje o aluno é participativo, mas amanhã, por algum motivo, ele pode não participar.

É importante termos uma relação de harmonia, cumplicidade, responsabilidade, entre escola e pais. Pais exercendo sua autoridade em casa com a educação informal, e a escola (professores) exercendo sua função na escola de educação formal com este indivíduo. Ambos devem se adaptar a essa atual realidade social, trabalhando juntos, cumprindo suas tarefas. Têm o dever de orientar o aluno para que tenha um comportamento adequado em qualquer situação. Devemos ter o respeito mútuo, em sua relação interpessoal professor-aluno. O professor ou o pai xinga, e o aluno ou filho faz o mesmo, assim ratificando que os

pais e os professores servem de paradigma, portanto, evidenciando que suas atitudes e comportamentos são observados pelos jovens.

Que cidadãos queremos formar?

Temos, hoje, uma sociedade formada por pais e alunos diferentes, portanto precisamos de uma escola diferente. Entretanto, não podemos perder a essência, o amor à vida, o respeito e a preservação da mesma. O estabelecimento da disciplina deve estar voltado ao bem-estar do ser humano, das suas relações, de suas necessidades e procura de igualdades.

6.4.4 Participação na escola: pais

Os pais têm grandes sonhos em relação a seus filhos, desenvolvem diversas atividades para tentar alcançá-los. Oferecem vários recursos que eram impensáveis há uma ou duas gerações, através de muitos esforços, em alguns casos muito exaustivos. Preocupam-se tanto em dar ou oferecer essas atividades que passam longo tempo de suas vidas com esse propósito.

Acreditam que oferecendo diversas oportunidades para os filhos estarão ajudando-os e preparando-os para a vida. Mas esquecem que a interação entre pais e filhos é o que realmente os prepara para a vida. Os jovens de décadas anteriores - por não ter tantos recursos - não eram menos felizes que os de hoje, embora existisse sim um esforço maior em adquirir recursos melhores.

Os sonhos dos pais e as respostas são expressas nas idéias de Cury (2003, p. 12): “Esperávamos que no século XXI os jovens fossem solidários, empreendedores e amassem a arte de pensar. Mas muitos vivem alienados, não pensam no futuro, não têm garra e projetos de vida.”

É evidente que a tecnologia auxilia em diversos campos, mas alguns ainda são insubstituíveis e o da relação interpessoal com certeza é um deles. Ou seja, os pais se preocupam em dar e querem que seus filhos tenham o melhor computador, escola, cursos de qualidade, alimentação e vestuário. Entretanto, ao invés de somente dar, os pais deveriam incentivar a conquista.

Uma professora do grupo salientou que “Alguns pais têm a idéia de que, se o filho chega em casa com dificuldades da Matemática, o professor tem que solucionar todas as dúvidas. O aluno não pode dizer que não sabe ou não compreendeu os estudos”. Assim, os pais não deixam esse processo de assimilação e de procura de solução florescer em seus filhos, pois acreditam que a dúvida é um grande problema e não a busca e a organização da solução.

Os pais dão tudo pronto, de imediato, com o objetivo de facilitar a vida dos filhos, pois desejam que os jovens não enfrentem os mesmos *sacrifícios* que eles, em outras épocas, vivenciaram para conquistar o seu espaço na sociedade. Mas, o que os pais desejam e o que fazem não contribui para tornar seus filhos *prontos para a sociedade*. Anteriormente, cobravam certas atitudes dos filhos e davam em troca recompensas, então chamadas de sacrifícios. Os filhos, hoje pais, tinham habilidades, criatividade de montar estratégias para a conquista dessas recompensas interpretadas como *sacrifícios*. Essas habilidades de busca, conquistas, de satisfação, faziam parte dessa geração. As diferenças entre as gerações são marcantes, mas a sociedade deve possibilitar uma estrutura para que as gerações sintam-se partes contribuintes de uma sociedade que visa uma qualidade de vida melhor para todos.

Certamente existe um contexto muito grande para análise, que se estende desde a sociedade anterior até a contemporânea, com seu crescimento, facilidades e problemas. As mudanças tecnológicas são significativas, disponibilizando muitos recursos facilitadores, comunicações rápidas, distâncias encurtadas, muitas novidades. Despende-se muito tempo para tanta tecnologia e pouco tempo para a interação entre pais e filhos. Pais falam por celular com filhos, mas não falam pessoalmente pelo pouco tempo que têm, o qual usam para obter bens que podem ser considerados utensílios facilitadores para o dia-a-dia, deixando seus filhos prontos para entrar na sociedade. Isso está expresso na fala de uma professora em uma situação vivida com um de seus alunos. “Então se chegou a um ponto em que o bom professor é aquele com o qual o aluno não encontra dificuldade, mesmo não sabendo de que forma ele trabalha para fazer com que o aluno diga que não tem dificuldade”.

Os sentimentos, as habilidades, a criatividade, a satisfação que podem facilitar a organização e a reorganização da relação pais e filhos, devem ser estimulados para que esses filhos possam ter condições de enfrentar os obstáculos da sociedade os quais não os perdoam e nem os promovem em seus desafios do dia-a-dia. É nesse contexto que pais estão pecando, estimulando seus filhos a terem, sem ter o prazer da conquista. Estão incentivando-os a simplesmente querer e ter.

Os meios de comunicações levam às crianças e aos adolescentes a impressão de que tudo é fácil de ter. Tudo é fácil de fazer, tudo é belo, a vida “*anda sem a minha ação*”. O prazer de assistir se iguala ao de adquirir, não de conquistar. Assim interpretam que podem ganhar, mas não compreendem a conquista, a busca.

E com essa idéia errônea, acreditam que a sociedade os tratará da mesma forma, dando, oferecendo, sem a conquista, a busca, o merecimento. Isso faz parte dos pensamentos de muitas crianças, hoje adultos, que acreditaram em uma realidade criada pelos seus pais, que facilitaram a administração de situações e problemas em suas vidas.

Os pais precisam analisar as suas atitudes e o que desejam, quando facilitam as situações vividas por seus filhos. Que imagens, que exemplos transmitem sobre suas próprias vidas, servindo de referência para a formação moral de seus filhos. Assim, segundo Piaget ⁸(1996 citado por TARDELI 2004, p. 31)

A criança aprende a respeitar as regras ou normas morais vivendo em sociedade, mediada, basicamente, por dois tipo de relações sociais: as coercitivas e as cooperativas. Consideremos essas definições sobre o tipo de relações sociais influenciando na construção moral fundamentais para o aspecto pedagógico, naquilo que se relaciona a situações de sala de aula, alvo deste trabalho.

Os pais deixam de expressar seus sentimentos de dor, solidão, tristeza, cansaço e desânimo, não compartilhando com seus filhos momentos significantes, que fazem parte da concepção que os filhos têm sobre as relações com seus pais. Sobre isso cito Cury, (2003, pág. 12): “Criamos um mundo artificial para as crianças e pagamos um preço caríssimo. Produzimos sérias conseqüências no território da emoção, no anfiteatro dos pensamentos e no solo da memória deles”. Cabe aos pais e à escola demonstrar aos alunos que existem *sacrifícios*, sentimentos a serem organizados e reorganizados, oferecendo oportunidades e atividades que servem de

⁸ PIAGET, J. **A construção do real na criança**. São Paulo: Ática, 1996.

aprendizado. Com isso, estarão estimulando a formação de um cidadão que trabalha em conjunto, com idéias voltadas para uma sociedade de igualdades.

Em relação às mudanças de comportamento, Cury (2003, p. 52): diz “Antigamente, os pais eram autoritários; hoje, são os filhos. Antigamente, os professores eram os heróis dos alunos; hoje são vítimas deles. O jovem não sabe ser contrariado”.

Atualmente se tem fácil acesso aos meios de informação. Comunicamo-nos, em segundos, com qualquer parte do mundo, e pais conversam e encontram com seus filhos a todo o momento por meio do celular. São novas facilidades e espaços para que o aluno ou filho se expresse e se sinta com mais segurança para opinar, tomar parte das decisões, onde antes os pais eram tidos como modelos de autoritarismo.

Conforme já foi tratado, o avanço tecnológico, e conseqüente o acesso à informação, influenciaram no processo de comunicação entre pais e filhos, que passou a ser mais acessível, embora a comunicação presencial ainda apresenta dificuldades, assim a tecnologia oferece facilidades de recursos na comunicação. Por tanto, os jovens tornaram-se mais críticos, passaram a colocar suas posições sem dar oportunidades às opiniões dos pais. Percebe-se – a partir das queixas de professores e pais – que estes utilizam a linguagem muitas vezes no sentido de *machucar*, isso ocorre quando se sentem contrariados em suas decisões. O jovem de hoje não aceita ser contrariado, diante disso, usa de algumas artimanhas para que suas idéias sejam aceitas, e suas paixões sejam realizadas, mesmo que muitas vezes adotem uma postura de desrespeito em relação aos seus pais.

Essa atitude de desrespeito também se reflete sobre os professores em sala de aula. Os docentes já não são mais vistos como *heróis*, são pessoas comuns ou nem isso. Admite-se que cabe ao professor oportunizar aulas criativas para que o aluno possa se sentir estimulado a participar, mas vários fatores internos ou externos também contribuem para o desabrochar de uma aula interessante.

O mundo é diferente, os desejos e as necessidades também. Os meios que facilitaram a geração passada, não têm mais o mesmo significado. Percebe-se um novo momento, decorrente de grandes mudanças. A sociedade está constantemente aprendendo e precisa analisar as conseqüências das respostas desta nova geração. Sobre a tarefa de ser educador Gadotti (1992, p. 44) refere que:

Assim, a tarefa do educador, nessa sociedade, é a de criar condições objetivas que favoreçam o aparecimento de um novo tipo de pessoa: solidária, organizada, capaz de superar o individualismo, valor máximo da educação capitalista. No contexto da dominação política e da exploração econômica, o papel do educador revolucionário é um papel contra-hegemônico.

A Educação nunca foi tão lembrada e comentada. Entende-se que só uma nova educação possibilitará soluções para os problemas que irão surgir nessa nova geração, e para os que ficaram sem solução das gerações passadas.

É importante que os pais e professores organizem juntos um modelo de educação que possa acompanhar as mudanças constantes dessa sociedade. Que apresente um viés integrativo, seja voltada às decisões como um todo, não seja individualista, que organize o mundo numa grande casa, onde todos possam viver em harmonia, assim trabalhando a criatividade, a competência nas decisões que possam tomar-se referência de um grupo. Cury (2003, p. 53) evidencia que: “A vida é uma grande escola que pouco ensina para quem não sabe ler”.

A tarefa de educar é transformar, guiar um cidadão capaz de contribuir com benefícios que possam abranger o todo, que saiba procurar soluções, que crie e tome decisões a favor do grupo. O professor de hoje não pode mais se prender a conteúdos, fazer da memória do aluno um depósito de conteúdos; aceitar que quanto mais conteúdos o aluno retenha em sua memória, mais estará preparado para o futuro. As dificuldades devem ser trabalhadas, assim se refletido no futuro, visando ao encontro das soluções em grupo. Gadotti (2003, p. 60) descreve o ensinar que propõe:

Ensinar a identidade terrena como condição humana essencial. Nosso destino comum no planeta, compartilhar com todos, sua vida no planeta. Nossa identidade é ao mesmo tempo individual e cósmica. Educar para conquistar um vínculo amoroso com a Terra, não para explorá-la, mas para amá-la.

Pontuamos que a missão hoje é preparar os alunos para as questões da vida. Ser autônomo, saber lidar com a abundância de informações, interagir com o mundo. Portanto, os conteúdos que serviam apenas para serem depositados na memória, hoje devem ter relação e interagir com a realidade, envolvendo o aluno para que participe e dê a sua contribuição nas tomadas de decisão da sociedade, na sua transformação para um mundo de igualdades sociais. O envolvimento do conjunto, escola, alunos, professores, para Antúnez (1996, p. 71) significa:

O envolvimento dos alunos é à base de uma participação e de uma disciplina compartilhada, assim como o envolvimento dos professores. É preciso que eles e os outros integrantes da comunidade educacional “acreditem” e considerem seriamente a participação dos alunos na vida escolar, pois assim a participação surgirá como uma consequência natural .

6.4.5 Relação interpessoal professor-aluno

O professor, além de conhecer o conteúdo a ser trabalhado, deve questionar-se constantemente sobre o que deseja quando ensina. A função do professor vai além do ensinar os conteúdos pré-estabelecidos pela escola e pelo sistema educacional. Ensinar é, também, formar um cidadão transformador, e isso exige que entre o aluno e seu professor se forme uma relação maior, de integração, de afinidade, que favoreça o aprender e o ensinar. Para que o processo de ensinar seja útil, entende-se que esse cidadão transformador deva ter uma relação de consistência com seu mundo, que seja capaz de tomar decisões a favor de todo o grupo social com o qual se relaciona.

GRILLO, Marlene. Dimensão Prática. In: ENRICONE, Délcia (org.) **Ser Professor**. 2004, p. 80, descreve a interação professor-aluno como:

A interação que se estabelece entre professor e aluno tem sempre um caráter de reciprocidade, e marca o clima vivido na classe. Implicitamente, traduz o entendimento que o professor e aluno têm dessa relação: predominância de apoio afetivo, técnico ou cognitivo; de uma relação solidária, prazerosa ou desafiadora.

Questionar-se seria a primeira etapa para o professor. O docente deveria descobrir o que deseja quando ensina, quais estratégias deve estabelecer para que aconteça o aprendizado e quais características deveria ter para atingir seus objetivos.

A sala de aula é um ambiente propício para favorecer e proporcionar as condições necessárias para o aprendizado. Uma professora expressa o desejo de melhorar seu fazer pedagógico: “Repensar a prática educativa e procurar

alternativas diferentes de atuação em sala de aula”. Os professores buscam objetivos educacionais comuns e, para isso, trabalham em equipes, desenvolvem habilidades cooperativas, buscam conhecimentos prévios relacionados às turmas com as quais irão trabalhar, relacionam suas atividades com o mundo num ambiente aberto aos fatos e acontecimentos, criam espaços para discussão, para estudos, para pesquisas.

Para Kullo (2002 p. 10) o processo implica em uma nova forma de ensino:

Portanto, este processo de ensinar implica em uma nova forma de conceber a sala de aula que deverá ser não apenas um local de transmissão, mas, principalmente, um espaço de construção de conhecimento. Para que isso ocorra, é necessário que o professor reveja o seu modo de ensinar e de conceber o ensino.

A boa relação interpessoal professor-aluno visa promover a ampliação do conhecimento e o crescimento do aluno, de modo que ele se sinta guiado, fazendo parte do processo. Nesse contexto, o docente incentiva-o à criatividade, à comunicação, ao questionamento, contribuindo para uma interação social e afetiva entre ambos e transformando a sala de aula num espaço humanizado de relações pedagógicas. É fundamental para o desenvolvimento do educando a relação interpessoal, por meio da qual se sinta à vontade para interagir com o professor e com o mundo. Assim descreve uma professora: “A sala de aula tem que ser um lugar de harmonia, não de choque ou de confronto de idéias, mas que tenha qualidades que propiciem um ambiente que favoreça uma relação de respeito

recíproco entre aluno e professor”. Para Maldonado ⁹(1994 KULLOK 2002, p. 52) a comunicação entre aluno e professor, necessita ter uma relação harmoniosa:

É preciso ter o cuidado de transmitir nossas mensagens com clareza e pensar nas conseqüências do que dizemos, para que nossas palavras tenham força de expressão sem, contudo, transformarem-se em armas que ferem, humilham ou danificam a auto-estima dos outros.

Para que aconteça constantemente esse processo de reflexão do docente sobre seu fazer pedagógico, ressalta-se a importância da educação continuada. O aprendizado acontece quando existe uma relação pessoal entre professor-aluno e isso assegura que o professor não deve se sentir imbuído somente da intenção de desenvolver conteúdos, mas sim de dar importância à interação com seu aluno, criando um ambiente de respeito e de compreensão. A escola deve ser um ambiente que proporciona os sentimentos de amor, paciência e respeito, permitindo que os educandos os tenham como exemplos em suas atitudes.

GRILLO, Marlene. A recomposição pelo Encontro. In: ENRICONE, Dêlcia (Org.). **Ser Professor**. 2004, p. 86., define as características que um professor deve ter:

Em relação ao tipo de professor, as respostas apontam em direção a um professor afetivo, acolhedor e receptivo, otimista, entusiasmado, e confiante no potencial do aluno, o que nada lembra a idéia instrumental de docência do início do curso, quando os alunos manifestavam o desejo de aprender novas técnicas para passar a matéria e os conteúdos.

O professor que usa as oportunidades de conflitos em sala de aula para dar exemplos de sociabilidade demonstra ao aluno um modelo de compreensão que irá

⁹ MALDONADO, Maria Tereza. **Aprendizagem e Afetividade**. AEC: Revista de Educação, no. 91, ano 23, pp. 37-44, abril/junho de 1994.

acompanhá-lo nas decisões que tomará na vida. Assim, é fundamental ao professor ter consciência de seu papel, que vai além dos conteúdos estipulados pela escola, como já referido anteriormente.

À vontade de buscar novas ações é expressa por uma professora: “A partir destes encontros podemos trocar idéias, informações, sobre a arte de ser professor”. Ser professor é ter sensibilidade de ouvir, compreender as relações que cada aluno tem com seu mundo. É analisar o que o educando traz como exemplo de vida, como atitude. Saber do contexto de vida dos alunos ajuda a compreender muitos fatos e reações que acontecem em sala de aula. Uma professora cita a sua leitura e análise: “Então o correto para o aluno é deixá-lo aprender por si só e com as dificuldades que ele tem, não tem que colocar ninguém para ajudar ele, porque se sente inferiorizado inconscientemente. Achei muito interessante, pois lembro de vários colegas que, quando o aluno pedia auxílio, eles ficavam com pena e davam a resposta do problema, como se isso fosse a solução”.

A sala de aula, então, ao ser formada por várias identidades que foram moldadas pelo conjunto da família e da sociedade, não é algo que seja analisada de um modo simplista, sob pena de que essa análise deixe de servir para encontrar caminhos que possam auxiliar na busca de soluções das dificuldades. Assim, Cury (2003, p. 64) trata sobre a sensibilidade dos professores em suas tomadas de decisões, afirmando que:

Um professor fascinante é mestre da sensibilidade. Ele sabe proteger a emoção nos focos de tensão; o que significa isso? Significa não deixar que a agressividade e as atitudes impensadas dos seus alunos roubem sua tranquilidade. Entende que os fracos excluem, os fortes acolhem, os fracos condenam, os fortes compreendem. Ele procura acolher seus alunos e compreendê-los, mesmo os mais difíceis.

O professor não precisa aceitar cada situação, mas que possa compreender melhor cada fato, tomando as devidas providências, favorecendo a socialização do educando com seu mundo, não o ignorando ou deixando-o passar despercebido, pois a falta de sensibilidade do educador poderá acarretar a formação de um ser com comportamentos considerados imorais pela sociedade. A formação do caráter do cidadão envolve bons exemplos desde a família, mas também da escola e da relação interpessoal que foi capaz de desenvolver com seu professor. A importância de refletir sobre que cidadãos queremos formar se concretiza a partir das ações que desenvolvemos no dia-a-dia, de nossas atitudes para resolver os conflitos. Somente com esse conjunto de idéias e atitudes é que iremos alcançar nossos objetivos de formar cidadãos transformadores de uma sociedade mais justa. Uma das professoras do grupo fala sobre esse assunto: “É interessante a qualquer profissional, principalmente, àqueles que trabalham com pessoas, questionar-se sobre quais as qualidades importantes para um bom desempenho de suas funções.”

Ser professor é fazer com que o seu ensino-aprendizagem desenvolva-se num ambiente de harmonia. É ter a sensibilidade na resolução de conflitos, é aproveitar cada momento, transformando tudo em lição de vida. É ver o aluno em sua amplitude, é saber analisá-lo e avaliá-lo, respeitando a sua individualidade, é possibilitar oportunidades que favoreçam o desenvolvimento de características que o tornarão um cidadão autônomo e justo, que procure qualidade de vida para todos. Portanto, ser professor é ir além de ensinar o conteúdo estipulado pela escola.

SILVA, Rosa Maria. A Transferência e o Desejo na Sala de Aula. In: KULLOK, Maisa Gomes (Org.). **Relação Professor-Aluno**. 2002, p. 72) evidencia a importância da relação interpessoal professor e aluno:

Enfim, fica evidente a importância que tem para nós educadores, o conhecimento da afetividade, quer seja através das emoções, da força motora das ações, do desejo e da transferência. Estes são alguns caminhos para o melhor desenvolvimento da aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, para uma melhor relação entre este e o professor. Significa, portanto, que toda prática pedagógica deve, atenta e constantemente, buscar a qualidade das suas relações, valorizando os aspectos afetivo, social e cognitivo, integrando-os enquanto elementos fundamentais no desenvolvimento da criança como um todo.

Nota-se que, cada vez mais, pais e escola estão deixando de trabalhar a emoção dos alunos. Isso ocorre, porque os professores têm a preocupação de vencer os conteúdos de cada disciplina, desprezando, assim, as emoções da vida, e não preparando os alunos para resolver os conflitos e o medo.

O professor, com suas atitudes e a sensibilização que pode proporcionar, educa a emoção dos alunos, trazendo situações-problema reais para que seu aluno compreenda melhor, os eventos do dia-a-dia.

Prender-se e preocupar-se somente com os conteúdos não contribui para a formação ou para a inclusão dos alunos na sociedade, ao contrário, desprepara-os para agir no mundo. Muitos alunos encontram conflitos entre o que aprendem na escola e os fatos que a sociedade apresenta, pois não há uma interação entre o desenvolvimento dos conteúdos e a preparação do aluno para a sociedade. A indisciplina gerada por conflitos de questionamento é interpretada por Aquino (1996, p. 53)

Anteriormente, disciplina evocava silenciamento, obediência, resignação. Agora, pode significar movimento, força afirmativa, vontade de transpor os obstáculos. “Importante é que o aluno experimente o obstáculo, que sinta o difícil – só assim verá a necessidade de adequar-se, de limitar-se aos processos que a matéria sugere”.

A escola precisa organizar situações que envolvam pesquisas, que façam o aluno interagir com seu mundo, que desenvolvam as emoções, unificando conteúdos e existência. Cury expressa a educação da emoção da seguinte forma (2003, p. 66):

Eduque a emoção com a inteligência. E o que é educar a emoção? É estimular o aluno a pensar antes de agir, a não ter medo do medo, a ser líder de si mesmo, autor da sua história, a saber filtrar os estímulos estressantes e a trabalhar não apenas com fatos lógicos e problemas concretos, mas também com as contradições da vida.

O professor deixa de expressar e expor seus sentimentos em sala de aula, porque tem medo de demonstrar ao aluno o que sente e como sente. É uma ferramenta que ele usa muitas vezes para incentivar o afastamento do aluno, pois isso garante a manutenção de sua autoridade, sem que haja conflitos. Usa esse afastamento como fator de autoridade, pois se sente ameaçado ou despreparado quando há uma relação interpessoal, sente que o diálogo pode roubar sua autoridade. O uso de um material didático como única ferramenta de trabalho, também pode significar o medo de enfrentar novos desafios, de uma relação de interação com o aluno, de situações para as quais o professor não está preparado. Isso é expresso nas palavras pela professora: “Eu percebi que têm alguns professores que usam o livro como uma única ferramenta e só usam aquele e aquilo. Tem medo de enfrentar novos desafios e muitos já sabem décor as páginas e exercícios”.

O objetivo da relação interpessoal é trabalhar as emoções dos alunos, deixar que eles sonhem e tenham um objetivo a realizar, que desenvolvam a autonomia, a auto-estima, assumam o compromisso da solidariedade, a habilidade de trabalhar

desafios da sociedade, e que se sintam seguros nas tomadas de decisões. Ser educador é promover todo este conjunto de sentimentos e emoções, assim proporcionando ao educando percepções que favoreçam o ensino aprendido.

Segundo Ausubel (1980, p. 417), referindo-se as percepções de alunos adolescentes em relação aos professores:

Um estudo interessante das percepções de alunos adolescentes em relação aos professores indica que os professores são vistos como desempenhando três tipos principais de papéis – como amigos, adversários e manipuladores de status em situações de aprendizagem. Como amigos são muitas “mais velhas” e “mais sábias”, orientadores que ajudam, heróis, doadores de segurança, confidentes e ocasionalmente “camaradas”. Como adversários, são vistos como “estraga prazeres” que interferem arbitrariamente com prazer legítimo, como “inimigos” a serem “combatidos” e “enganados”, e como demônios de poder a ser temido, aplacados e respeitados.

O professor necessita compreender de que maneira o aluno o percebe, que características são consideradas importantes para o aluno, a fim de que consiga ter um bom relacionamento de aprendizado com o professor. O profissional deve sempre se questionar sobre o seu papel de mediador de informações. A relação interpessoal professor-aluno, como ferramenta que auxilia na aprendizagem, apresenta características que contribuem para a qualidade de ensino a que tanto almejamos. O docente não pode ser visto como transmissor de conhecimento e sua maneira de expressão verbal representa qualitativamente essa compreensão que precisa ser alcançada. O amor à profissão, o conhecimento aprofundado do conteúdo e uma boa relação interpessoal favorecem a qualidade de ensino, a formação de um cidadão mais humano e preocupado com suas relações com o mundo.

6.4.6 As respostas à proposta de mudança

Ao iniciar a pesquisa da dissertação “Educação continuada para docentes”, durante a coleta de dados, observou-se certa restrição do grupo em escrever e falar sobre os temas escolhidos. Quando o trabalho implicava a escrita, surgia um clima de insegurança e de dificuldade em elaborar e organizar as idéias. O tempo utilizado para a escrita era bem maior que o tempo para as falas. Alguns professores procuravam mais falar do que escrever e, às vezes, solicitavam que o colega escrevesse, auxiliando-os na organização do assunto. A formulação de textos, assim, era reduzida, e poderia ser mais explorada, mas por essas dificuldades os textos tornavam-se simplificados. Esse sentimento de medo pode ser visto, por exemplo, na escrita da professora J antes da pesquisa sobre um dos temas: “Relação interpessoal é não ter medo de nos relacionar, temos é que ter medida na afetividade”.

Durante as falas, os conteúdos sobre os temas eram mais completos, tinham mais consistência e coerência, mas em certos momentos havia rupturas, desviavam do assunto, ou simplesmente surgiam pausas. Nas gravações, é possível notar várias pessoas falando ao mesmo tempo, isso significa que nem todos estavam em sintonia, e direcionavam-se a assuntos colaterais ou que algum colega interrompeu a fala de outro. Muitas vezes, tínhamos que redirecionar os trabalhos, pois alguns professores se desviavam da proposta. Embora, às vezes, isso atrapalhasse, fazia parte da dinâmica do trabalho em grupo.

Alguns docentes aproveitavam os encontros para procurar ajuda, desabafar e falar dos próprios problemas que surgiam em sala de aula. Aprendia-se muito

nesses momentos, pois desabafar não é tarefa muito fácil para um professor, isso só acontece em ambientes nos quais ele se sente à vontade e encorajado a falar. Assim descreve a professora **DD**: “Compartilhar com as colegas o que penso, o que sinto, ao mesmo tempo ouvir idéias que virão com certeza a nos engrandecer, acredito que nossas decisões, a partir da formação deste grupo, serão agora em conjunto”.

As tarefas que eram distribuídas - como interpretações de textos que seriam expostas ao grupo - muitas vezes não retornavam, ficando lacunas; outros professores simplesmente liam e, assim, deixavam de colaborar com sua análise. Entretanto, no decorrer da proposta, essas atitudes mudaram. Havia cobranças por parte dos integrantes do grupo, análise dos colegas sobre os textos distribuídos, percebia-se a curiosidade em ouvir e interagir com idéias sobre os assuntos.

A integração do grupo à proposta do professor Roque da PUC com a FINEP também foi um fator relevante, pois os educadores contribuíram com suas opiniões e dedicaram-se à construção de sugestões. Assim a professora **MO** escreve: “Repensar a prática educativa e procurar alternativas diferentes de atuação em sala de aula”. O fato de os professores aceitarem a proposta de pesquisa envolve mudanças. É uma forma de querer se reorganizar, de enfrentar os problemas, de abrir as portas para uma nova proposta. Sobre isso escreve Gadotti (2003, p. 54):

Por isso, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalho em grupo, interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões).

Durante o desenvolvimento da pesquisa, notou-se mudanças de comportamento e um aumento na tranquilidade dos professores em apresentarem suas posições, suas idéias, e a escrita após a pesquisa teve um considerável avanço em termos de qualidade, que pode ser comparada após leitura dos anexos da dissertação.

Podem-se detectar modificações na conduta em lidar com situações de sala de aula, envolvendo alunos, como descreve a professora J: “No dia-a-dia do professor, durante seu trabalho ou mesmo fora dele, não há como desvincular seu fazer pedagógico das diversas formas de relacionamentos. É evidente que, para cada ação há uma reação e é isso que torna desafiadora, essa forma de relação”.

Quando havia reuniões pedagógicas na escola, automaticamente os integrantes da pesquisa se posicionavam juntos, para trabalharem a proposta sugerida pela equipe diretiva. Surgiu, ao longo do trabalho, a idéia de organizar um artigo sobre Disciplina em sala de aula. Houve plena dedicação. O artigo foi organizado e encontra-se na dissertação. Recebemos a proposta de uma editora de assuntos pedagógicos de publicar nosso artigo, mas por alguns fatores o lançaremos no próximo ano. A satisfação do grupo em ver o artigo publicado foi muito significativa, pois representou acreditar em si próprio, acreditar no grupo, perceber o quanto temos a ensinar e a aprender. Decidiu-se então dar continuidade ao grupo de estudos no próximo ano, havendo algumas alterações relacionadas ao direcionamento de como serão enfatizados os temas, com o intuito de levar adiante as pesquisas em forma de debates e artigos. Toda essa movimentação poderia ser prevista, pois a organização de grupos de estudos, segundo Moraes (2004, p. 210), podem ser melhorada:

Quando a opção por organizar um grupo for coletiva torna-se um processo natural que todos participem da condução e organização dos trabalhos. Ao longo dos encontros poderão ser procuradas diferentes formas de estruturação de grupo, especialmente no sentido de atingir alguns objetivos, promover um trabalho mais integrado em determinadas áreas do currículo ou poder focalizar determinados temas. Pequenos grupos poderão criar condições para uma emergência mais fácil das teorias e crenças de todos os participantes.

As interações de experiências, a pesquisa de novos dados referentes aos temas, o refletir, o novo posicionamento nas atitudes em sala de aula, escrever, falar, tudo isso contribuiu para as transformações na qualidade de ensino dos participantes do grupo. O comportamento dos professores em aceitar as mudanças é um fator relevante que demonstra que a educação continuada para docentes é uma necessidade, pois proporciona transformações necessárias na busca da melhoria da qualidade de ensino.

Hillebrand (1997 p. 72) escreve sobre a participação em grupos de estudos:

Além disso, o grupo de estudo é uma oportunidade para partilhar experiências, vivências de outros encontros como simpósios, congressos, seminários, dos quais os professores participaram. Ao ouvir o relato de experiências, o professor analisa a própria maneira de agir e como poderia modificar sua atuação no sentido de tornar sua prática pedagógica mais eficiente.

Notou-se a vontade de trabalhar e a diversidade do grupo de professores despertou neles a capacidade de relacionar-se melhor, ressurgindo sentimentos de motivação, de reafirmação de ética, a busca da qualidade de vida, de melhorar o currículo, compartilhar comprometer-se, sentindo-se felizes no ambiente de trabalho. Além disso, passaram a procurar mais, não só a especialização, mas a se interessar pelo conhecimento dos outros e a enxergar o quanto são importantes. A criatividade acontece quando há disciplina e todos trabalham juntos, mesmo com

responsabilidades de maior ou de menor importância, mas com o sentido de unir o grupo.

7 CONCLUSÃO

Planejar e organizar o grupo de estudos foi um grande desafio. Convidar os professores e contar com a disponibilidade deles para pesquisar os temas voltados à educação, obter recursos financeiros para materiais de apoio, reservar salas, vídeos, livros, e disponibilizar tempo para isso foram outros desafios. O trabalho de montagem do grupo aconteceu no ano anterior, mas a prática e os desafios surgiram no ano de 2005.

A escolha dos temas também ocorreu em 2005, a partir da idéia do grupo em pesquisar esses temas. Formar um grupo de estudos não é tarefa simples, cada professor tem que adaptar seus horários, suas atividades, para que possa participar dos encontros. Isso acontece quando o professor realmente tem interesse e disponibilidade para participar, pois fazer parte de um grupo de estudos não pode ser uma tarefa imposta.

O grupo inicialmente era composto por cinco professoras de diferentes áreas e, mais tarde, mais dois passaram a integrar o grupo, totalizando sete. Algumas freqüentavam todos os encontros, outras, por motivos particulares, eram menos assíduas. Durante os encontros, planejávamos as tarefas que iríamos desenvolver durante a pesquisa. O tema inicial, trabalhado paralelamente com a direção, foi a disciplina em sala de aula. Expusemos a atual situação de aula e analisávamos em

conjunto, procurando uma visão maior sobre os fatos. Essa troca de conhecimentos nos auxiliou muito, pois aprendemos a ouvir, a falar e a dividir com outros colegas os problemas que até então eram solitários.

A relação que o grupo construiu permitiu auxiliar uns aos outros, e foi muito gratificante. Passamos a trabalhar, tomar decisões em conjunto, pois havia um objetivo em comum. Quanto às pesquisas, usávamos as bibliografias que a PUCRS nos oferecia, procurávamos assuntos, textos que fossem relacionados aos nossos temas. Cada professor tinha seu texto, analisava-o e, em outra oportunidade, colocava-o à disposição do grupo. Nós discutíamos as idéias que surgiam e, assim, ampliávamos nossos conhecimentos. Havia momentos para produção e de organização das idéias que surgiam sobre os temas.

A escrita inicialmente era simplificada, mas com o desenvolvimento do trabalho houve um avanço, passamos a escrever e argumentar melhor. A nossa percepção quanto à educação ficou mais clara: em certos momentos alguns assuntos não representavam novidades, mas necessitavam ser revistos, sendo mais bem assimilados pelos professores.

A intenção na formação do grupo era trabalhar com questões que envolvessem os professores de diferentes disciplinas. O objetivo era que os temas de pesquisa nos auxiliassem a melhorar a qualidade de ensino, também nos motivassem à busca de assuntos, situações do dia-a-dia em sala de aula. Saber e dominar o conteúdo não era o único objetivo que os professores deveriam ter, mas havia algo a mais, uma necessidade de rever conceitos sobre ensinar e aprender. Poderíamos formar um grupo com assuntos específicos da Matemática, das

Ciências, mas o objetivo desse grupo era rever assuntos que atingissem todas as diferentes disciplinas.

Com a revisão de conceitos, tínhamos uma maneira de o professor trabalhar na sua área específica, abrindo novos caminhos para que fossem compreendidos de uma forma melhor assuntos referentes à disciplina específica. Pois, de que serviria trabalhar técnicas e modelos para melhorar o conhecimento em Matemática se a prática continuasse a mesma? Nesse sentido, formou-se o grupo de estudos, para que cada professor, antes de aprender qualquer técnica específica de sua área, revisse sua maneira de compreender o que é de fato ensinar, e para que se ensina. Ensinar sem ter um propósito, um objetivo, de nada serve, pois a idéia da educação é formar um cidadão transformador.

A educação continuada é ferramenta importantíssima para o desenvolvimento da qualidade de ensino. Rever conceitos e analisar situações nos favorece na compreensão do nosso verdadeiro papel como educadores. É imprescindível que o professor leia, reflita, escreva, para que haja melhor compreensão dos seus conhecimentos, assim ampliando sua visão sobre ensinar. A escrita, a leitura, a pesquisa e a reflexão são agentes da emancipação dos professores em seu fazer pedagógico. Perreunoud (2001, p. 44) escreve sobre a autonomia do professor:

O professor “autônomo”, “responsável”, “capaz de avaliação e de iniciativa” na adaptação criativa de seus atos e de suas posturas às realidades do ofício é um praticante que ultrapassa o imediatismo da realização cotidiana de suas tarefas, pois posiciona a relação ensinar-aprender na dinâmica de um projeto para os alunos e para si mesmo na sociedade. Esse projeto dará forma definitiva às tarefas e às ações e operações que o concretizam. Seu projeto pedagógico e seu projeto profissional são projetos humanos: conferem sentido e finalidade ao ofício e a ele próprio dentro do ofício.

Aprendemos com o desenvolvimento das pesquisas, trouxemos novas idéias, revimos nossos conceitos e formamos uma nova visão sobre a Educação. Passamos a interpretar melhor as questões de disciplina em sala de aula, a relação interpessoal no grupo. Além disso, chegou-se a um consenso quanto a continuar trabalhando novos assuntos da Educação para o ano de 2006.

A análise que fazemos hoje, em relação à educação, se diferencia quando encontramos colegas que não tiveram a oportunidade de participar do grupo, e por este motivo também procuraremos momentos nos quais apresentaremos nosso trabalho a outros grupos.

Ser professor requer revisão de conceitos sobre a educação constantemente, proporcionar momentos de interação com outros docentes para que busquem juntos caminhos alternativos. Saber e dominar o conteúdo são somente alguns requisitos que fazem parte desse contexto de ensinar, mas educar vai além do domínio do conhecimento: é saber qual é o verdadeiro papel do professor, para que se ensina e por quê? Analisando essas questões e outras é que encontraremos o nosso verdadeiro papel na sociedade. Não basta falarmos que queremos um cidadão autônomo, justo, se os nossos atos não estimulam a criação desse cidadão. Rubem Alves (2002, p. 173) escreve sobre a Educação:

Todas as nossas instituições escolares educativas têm por objetivo transformar a criança em adulto. Todas as nossas práticas ditas educativas têm por objetivo transformar a criança que brinca no adulto que trabalha. Eu, ao contrário, acredito que a criança é aquilo que de belo, criativo e alegre existe em nós, eternamente. O objetivo da educação não é destruir a criança, transformando-a em adulto produtivo. O objetivo da educação é dar à criança os conhecimentos que permitirão que ela continue a ser criança – sem se machucar. E, mais do que isso: é ajudar-nos, adultos, a curar-nos da nossa doença.

Quando todas as qualidades que necessitamos no educador forem compreendidas e valorizadas, formaremos um mundo melhor, voltada para a humanização, para o amor à vida, para uma qualidade de vida melhor. Alves (2002, p. 172), traça um esboço de algumas imagens fascinantes do educador, as quais acho que perseguimos nesse trabalho:

- O educador como poeta;
- O educador como feiticeiro;
- O educador como artista;
- O educador como partejador da beleza;
- O educador como jardineiro;
- O educador como zen;
- O educador como semeador do futuro;
- O educador como companheiro de brinquedos;
- O educador como alguém prestes a partir e que está à busca de herdeiros...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Livro sem fim**. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Papyrus, 2003.

_____. **Ao professor com meu carinho**. São Paulo: Verus, 2004.

ANTÚNEZ, Serafín. **Disciplina e convivência na instituição escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AQUINO, Julio. **Indisciplina na escola**. São Paulo: Summus, 1996.

AUSUBEL, David. **Psicologia Educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BORGES, Regina Maria. **Em debate: cientificidade e educação em ciências**. Porto Alegre: Calábria Artes Gráficas, 1996.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

_____. **A Nova LDB: ranços e avanços**. Campinas: Papyrus, 1997.

ENRICONE, Délcia. **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FERREIRA, Nara Syria. **Formação continuada e gestão da educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

FRANCO, Maria Laura. **Análise do conteúdo**. Brasília: Plano, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Escola vivida, escola projetada**. São Paulo: Papyrus, 1992.

_____. **Boniteza de um sonho**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2003.

HILLEBRAND, Vicente. **Grupos de Estudos**. Porto Alegre: CORAG, 1997.

KULLOK, Maisa. **Relação professor-aluno**. Maceió: Edufal, 2002.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: INEP, 1999.

MORAES, Roque. **Educação em Ciências**. Ijuí: UNIJUI, 2004.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessário à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003.

PERRENOUD, Philippe. **Formando professores profissionais**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

TARDELI, Denise. **O Respeito na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2003.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ANEXOS

ANEXO A – QUESTIONÁRIO PROFESSORES

DISCIPLINA:.....

- a. Qual o motivo que o incentivou à formação de um grupo de estudos?**
- b. O que espera desses encontros de estudos?**
- c. Que temas gostaria que fossem trabalhados?**

Obs: Os nomes foram substituídos por uma letra inicial.

Depoimentos coletados no dia 05 de abril de 2005.

Depoimento: E. M

Disciplina: Matemática

a) Qual o motivo que o incentivou à formação de um grupo de estudos?

Para colaborar com novas propostas em relação à educação, procurando valorizar o nosso trabalho.

b) O que espera desses encontros de estudos?

Espero crescer e dar a minha contribuição para essa proposta de trabalho.

c) Que temas gostariam que fossem trabalhados?

O grupo tem muita experiência de vida como educador, então seria o ideal unir essa prática vivida com uma sustentação teórica, redigindo algo para melhorar o meio educativo.

Nome: E. O

Disciplina: Biologia

a) Qual o motivo que o incentivou a formação de um grupo de estudos?

Gosto de discutir sobre educação e sinto necessidade disso para aprimorar meu trabalho.

b) O que espera desses encontros de estudos?

Repensar a prática educativa e procurar alternativas diferentes de atuação em sala de aula.

c) Que temas gostariam que fossem trabalhados?

Com muitas trocas de idéias e informações novas sobre educação.

Depoimento: J. N

Disciplina: Geografia

a) Qual o motivo que o incentivou a formação de um grupo de estudos?

A possibilidade de formar um grupo de estudo.

b) O que espera desses encontros de estudos?

A partir desses encontros, trocar idéias e informações sobre a arte de ser professor.

c) Como gostaria que esses temas fossem trabalhados?

Através de debates, leituras, vídeos, etc. que nos possibilitem melhorar cada vez mais.

Depoimento: M. H

Disciplina: Física

a) Qual o motivo que o incentivou a formação de um grupo de estudos?

A Denise, em primeiro lugar; ela é uma colega muito vibrante e entusiasmada; em segundo lugar é muito bom ter a oportunidade de estudar com colegas professores e trocar idéias, sem o compromisso com a instituição.

b) O que espera desses encontros de estudos?

Não sei bem. Poder refletir e ouvir o que meus colegas pensam sobre determinados assuntos. Agrada-me muito.

c) Quais os temas gostariam que fossem trabalhados?

Não tenho um desejo específico.

Nome: F. V

Disciplina: Português

a) Qual o motivo que o incentivou a formação de um grupo de estudos?

b) O que espera desses encontros de estudos?

c) Quais os temas gostaria que fossem trabalhados?

O motivo pelo qual estou participando deste grupo de estudos é ir em busca de novos conhecimentos, fazendo trocas a partir do que sei e do que o grupo tem para dividir. Através disso, iremos estudar, discutir e construir teses sobre assuntos determinados e sobre pensadores que irão contribuir para nosso trabalho. Além disso, precisamos expor nossos pensamentos e estudos para que haja um crescimento profissional e pessoal.

Os nossos trabalhos poderão ser realizados através de projetos, pesquisas, dinâmicas de estudo com uma síntese do que foi desenvolvido durante os encontros.

Nome: D. D

Disciplina: Matemática

a) Qual o motivo que o incentivou a formação de um grupo de estudos?

Esse grupo eu formei, porque faz parte da minha dissertação. Convidei as colegas de escola, com idéia de formar um grupo de estudos em que nós poderíamos discutir idéias sobre a educação. Além das idéias que surgiriam sobre os temas a serem trabalhados, poderíamos, além disso, incentivar os nossos colegas a participar de eventos e também fazer um artigo a ser publicado.

b) O que espera desses encontros de estudos?

Eu, particularmente, adoro abordar questões sobre a educação. Gosto de ouvir e trocar idéias, sempre gostei de trabalhar em grupos. Isso nos enriquece profissionalmente.

A troca de conhecimento nos leva a perceber que muitos de nós precisamos compartilhar nossas dúvidas, nossos agradados e desagradados, pois assim não nos sentiremos sozinho nesta caminhada, que é ser educador de uma nova geração.

c) Que temas gostariam que fossem trabalhados?

Compartilhar com as colegas, o que penso, o que sinto como se fossemos desabafar e, ao mesmo tempo, ouvir as idéias que virão, com certeza, nos engrandecer como professores e acredito que nossas decisões, a partir da formação desse grupo, serão agora em grupo e de acordo comum.

ANEXO B – QUESTIONÁRIO PROFESSORES**DISCIPLINA:.....****a) O que entendemos por disciplina?****b) O que devemos fazer para organizar e administrar a disciplina em nossa escola?****Obs:** Os nomes foram substituídos por uma letra inicial.

Depoimentos coletados em 05 de abril de 2005.

Depoimento: E. M

Disciplina: Matemática

a) O que entendemos por disciplina?

b) O que devemos fazer para organizar e administrar a disciplina em nossa escola?

Considero a disciplina uma conduta harmoniosa diante de uma situação. Essa conduta é buscada em ações que possuem limites, respeito ao próximo e, principalmente, ela é baseada em valores que norteiam a humanidade.

Devemos ter bem claro quais as normas que vamos determinar para que essa disciplina aconteça e que seja coerente com a situação e com a clientela que está em nossas mãos.

Nome: E. O

Disciplina: Biologia

a) O que entendemos por disciplina?

b) O que devemos fazer para organizar e administrar a disciplina em nossa escola?

Disciplina na sala de aula é participar educadamente das tarefas propostas. Devemos deixar bem claras as regras do trabalho, corrigir possíveis desvios durante as atividades e aplicar as sanções devidas quando o comportamento não se adequar à situação.

Depoimento: J. N

Disciplina: Geografia

d) O que entendemos por disciplina?

e) O que devemos fazer para organizar e administrar a disciplina em nossa escola?

A disciplina é respeito às normas estabelecidas. Para organizar, administrar a disciplina em nossa escola devemos ter claro o que se considera indisciplina e /ou disciplina. Estabelecer o que acarretará ao aluno a não observação do estabelecido.

Depoimento: M. H

Disciplina: Física

Disciplina é uma organização mínima para realizar qualquer coisa. Seja na escola ou fora dela. Primeiro, combinar algumas regras (apoiadas no bom-senso) com os alunos; depois combinar com os outros professores e com a direção essas regras. Acredito que disciplina tem a ver com bom-senso.

Nome: F. V

Disciplina: Português

d) O que entendemos por disciplina?

e) O que devemos fazer para organizar e administrar a disciplina em nossa escola?

Disciplina é o alicerce de nossa vida, a qual irá sustentar nossos trabalhos e atitudes perante o mundo, quanto à pessoa e profissionalmente. Para que a disciplina aconteça, precisamos nos perguntar o que acreditamos sobre ela e quais objetivos queremos alcançar. Ela irá acontecer na escola no momento em que, direção, corpo docente, discente e pais falarem a mesma língua. Terem os mesmos objetivos, para que haja um convívio harmonioso na sociedade, sabendo que cada um possui seus limites, para que educadores formais e informais possam serem ouvidos, vistos e escutados no meio em que vivemos.

Professora: D. D

Disciplina: Matemática

a) O que entendemos por disciplina?

b) O que devemos fazer para organizar e administrar a disciplina em nossa escola?

Eu imagino que, em cada situação, devemos ter um comportamento de tal forma que não atrapalhe o andamento do que está acontecendo. Essa postura de saber se comportar e como em determinadas situações, significa ter disciplina. Ou seja, devemos ter uma postura única para a realização do aprendizado.

Essa postura não pode mais ser comparada com as já ultrapassadas, pois hoje existem outras idéias, outros valores, outras experiências.

Comparar a disciplina anterior com a atual, só nos serve para exemplo, pois persistir no uso, não trará benefícios.

O que devemos hoje é procurar recursos que nos auxiliem nesta nova visão de disciplina. Recursos esses que nos façam compreender que nossos alunos são de uma geração que opina e usa a tecnologia. Não como era antes, só aprendendo com o conhecimento do professor. Precisamos do silêncio, da concentração, mas são momentos, não horas ou dias.

Professora: A. K

Disciplina: Português

d) O que entendemos por disciplina?

e) O que devemos fazer para organizar e administrar a disciplina em nossa escola?

A disciplina deve ser vista como uma forma de organização para que se consiga ministrar uma aula agradável, em que os alunos aprendam e possam assimilar conhecimentos e trocar vivências.

Creio que a organização da disciplina, em nossa escola, deva ser observada, partindo do princípio de que o aluno precisa conhecer e respeitar as regras impostas pela instituição. Saber viver e se relacionar com o grupo, respeitando limites e as necessidades de cada um. Ao professor cabe entender que disciplina não quer dizer silêncio absoluto. Os alunos devem interagir, ter opinião. O professor deve sim assumir a postura adequada e cobrar limites, sempre que for preciso e manter uma relação de amizade.

ANEXO C –QUESTIONÁRIO PROFESSORES

**RELATOS ESCRITOS APÓS O TEMA DISCIPLINA EM SALA DE AULA SER
PESQUISADO.**

DISCIPLINA:.....

**Que mudanças ocorreram nas atitudes como educador depois da
pesquisa realizada sobre disciplina em sala de aula?**

Obs: Os nomes foram substituídos por uma letra inicial.

Professora: E. M

Disciplina: Matemática

O que mudou quanto à disciplina em sala de aula depois do trabalho desenvolvido pelo grupo?

Confirmei alguns princípios e tornei mais claras algumas idéias. A escola, como um todo (direção, setores,...), assumiu o compromisso com a disciplina, os alunos perceberam isso e estão aceitando muito bem as “cobranças” que foram feitas. Fica mais fácil trabalhar quando há consenso entre todas as partes envolvidas: direção, professores, alunos e pais.

Professora: E. O

Disciplina: Biologia

O que mudou quanto à disciplina em sala de aula depois do trabalho desenvolvido pelo grupo?

Posteriormente, os alunos apresentavam uma disciplina mais rígida, isto é, tinham o professor como uma figura a quem deveriam respeitar e obedecer. Hoje esses alunos têm maior liberdade de expor seus pensamentos e de se posicionarem diante das situações escolares. Concluimos que, apesar de os alunos terem liberdade de expressão, é preciso trabalhá-los em seus limites (quando possível).

Professora: J. N

Disciplina: Geografia

O que mudou quanto à disciplina em sala de aula depois do trabalho desenvolvido pelo grupo?

As mudanças ocorreram em função das noções de que a disciplina não pode ser entendida como não interagir, ficar absolutamente quieto, mas sim estabelecer combinações para que o trabalho ocorra de forma agradável.

As regras e normas estabelecidas pela escola, associadas aos estudos realizados durante os encontros, fizeram com que as coisas ficassem mais claras e modificassem minhas atitudes e as dos alunos.

Professora: D. D

Disciplina: Matemática

O que mudou quanto à disciplina em sala de aula depois do trabalho desenvolvido pelo grupo?

Eu, muitas vezes, dizia que os alunos voltariam a ser o que eram, mas sinceramente, não percebia profundamente o que estava dizendo. Voltar a ser o que eram significa ficarem calados, ouvindo seu professor. Não era isso que queria dizer, mas o passado nos mostra os alunos assim. Com a formação do grupo organizei melhor minhas idéias, percebi que disciplina não significa alunos sentados, parados, mas uma ordem que favoreça o aprendizado.

Acreditar que nossos alunos devam saber todo o conteúdo do livro, pois será importante para o vestibular, não faz parte mais dos meus pensamentos. O que eles precisam é organizar idéias que os auxiliem em situações da vida, de coisas simples até as mais complexas, não decorar e depois esquecer. É saber se defender das situações da vida, se ele fizer vestibular, isso virá depois desse processo de aprendizagem e não de decoreba.

Então, ensinar, hoje, envolve alunos ativos, falando, ouvindo, questionando, talvez para muitos isso signifique indisciplina, mas para mim, é ser professor e viver os momentos reais de aprendizado deles.

A disciplina nos leva a assumir diferentes posturas em determinadas situações, não calar e aceitar todas as idéias como certas e ponto final. Disciplina é saber se comportar de tal modo que possa favorecer o ambiente em que se vive para si e para todos. Ficar calado, sem contestar, é ser omissos e aceitar respostas como únicas e sem mudanças. Talvez aqui esteja a diferença para alguns professores, alunos parados e disciplinados.

Professora: A. K

Disciplina: Português

O que mudou quanto à disciplina em sala de aula depois do trabalho desenvolvido pelo grupo?

Pôde-se observar que os anseios de alguns professores foram de certa forma sanados, pois cobravam uma mesma postura dos alunos em suas aulas o que facilitou o processo da aprendizagem. Mas, creio que ainda haja muito a melhorar

para o próximo ano, por isso considero importante que os encontros do grupo de estudo continuem em 2006.

ANEXO D - QUESTIONÁRIO PROFESSORES**DISCIPLINA:.....**

Depoimentos gravados durante a pesquisa sobre disciplina em sala de aula.

Obs: Os nomes foram substituídos por uma letra inicial.

Professora: D. D

Disciplina: Matemática

Um dia desses, eu tive que subir numa cadeira e dizer em tom mais alto do que o deles, “gente agora chega de conversa”. Foi um silêncio. Eles pararam e ficaram me olhando, mas nesse momento a minha voz foi tão alta que eu até me assustei. Percebi que nenhum deles fez uma cara feia, mas sim de entender o que eu queria com aquele gesto e consegui.

Eu trabalho com uma turma de sexta série que é um show, ou seja, eles têm raciocínio e gostam de estudar.

Ontem eu tive uma reunião referente a assuntos da sexta série e fiquei muito chateada com as coisas que eu ouvi. Eu gosto muito dessa turma, já tive aluno tomando banho na minha casa, montei com eles o dia das mães, dos pais, se precisam de carona eu os levo. Eu tenho uma relação boa com eles.

Na reunião, falaram sobre um grupinho que tem umas atitudes consideradas não muito sociais, e a minha filha faz parte dele. Tem as líderes, e minha filha é que acompanha, na verdade não entendi muito, mas parece que essa é a idéia que uma aluna nova trouxe para a orientação.

Entrei na turma e falei sobre atitudes, exemplos, valores, o que talvez seja correto ou não. Juntos trocamos idéias, mas visando a uma relação que todos se sintam bem com o que têm e com que são. O importante é o que a gente adquire ao longo dessa vida? Falei se o fulano não tem tal carro, não é porque ele seja ruim. Ele tem todo um conhecimento, um ser que deve ser valorizado. Os alunos em silêncio, e eu continuei, se vocês têm alguns coleginhas que dizem para vocês que o correto é não fazer tema, colocar apelido nas pessoas, é ser malandro. Sabem o que

devem fazer? Dar “gelo” neles, o errado são eles, se até agora não se flagraram, agora vão se flagrar, que para mim o correto é aquele que faz o tema, que está aqui para trabalhar.

Eles ficaram mudos. Continuei, agora nós temos sete minutos antes do recreio. Cada um vai escrever o que pensa, como se sente, se está se sentindo incomodado, se a turma o está prejudicando, não precisa colocar o nome deles. O meu interesse é saber o que vocês sentem.

Eu pensei que tudo isso estava acontecendo nas minhas barbas, e eu não vi, mas fecha bem com o que uma colega me disse. A nossa visão de professor é maior, talvez mais escandalosa, mas para eles aquilo ali é normal, não foi tão forte assim.

A colega me disse algo muito interessante. Eu não vejo a turma assim, com tantos problemas. Eu posso estar errada, mas eu não vi uma coisa tão berrante, pode acontecer com alguns, uma minoria e não no grande grupo, sendo considerado problema do grupo, embora sejam fatos isolados. Esses alunos são notas B, MB, fazem os trabalhos e os temas, são participativos e unidos. O que vejo sobre a menina é que tudo é novo para ela, escola, amigos, cidade, tudo é novo.

Nós usamos a agenda como um dos canais de comunicação com os pais. Eu, quando vejo que a agenda está assinada, pergunto para eles: apanhou na bunda? (brincadeira). Ele responde: Eu? Mas a mãe não te deu um corretivo? Não, só assinou.

Professora: E. M

Disciplina: Matemática

Eu percebi hoje que, quando dizemos ao aluno não pode fazer isso, sinto-me mais segura. Tenho mais segurança quando falo. O aluno diz: “desculpa professora”.

Hoje eu ouvi umas 10 ou 12 desculpas. Sinaliza um caminho que você pode resgatar alguma coisa. No momento em que eles têm essa consciência não viram as caras para nós, eles percebem que alguma coisa não está bem.

A questão da emoção lembra B da L? Eu comecei a conversar com ela e perguntei: como tu estás? E tive uma conversa mais aberta. Ela começou a contar que, fez isso, fez aquilo, contar sobre a série anterior. Hoje ela me vê com outros olhos, tu tens que ver o olhar, um olhar bom.

A própria turma fala das atitudes de alguns colegas em sala de aula.

Esses dias, um aluno chegou atrasado, entrou de óculos escuros. Um começou a comentar com o outro. “Olha o jeito dele com esses óculos escuros, nem consegue ver direito. Tem muito sol dentro da sala?”

O aluno ficou quietinho sentou e tirou os óculos. Deixei os alunos falarem, pois achei saudável eles mesmo se cobraram sobre a postura em sala de aula.

Esses dias eu estava dando aula na oitava série, uns alunos não prestavam atenção. Então passei a dar aula para o grupo que estava interessando, o outro grupo começou a perceber que eles não eram o centro das atenções e, logo em seguida, pararam de conversar. Ficaram nos olhando, e nós bem tranquilos, trabalhando sobre a Matemática, a relação sobre cateto oposto, como usar a calculadora como montar essa expressão, trocávamos idéias. Gente, esses alunos estavam trabalhando, eles ficaram tão felizes.

Os outros começaram a murchar. Eles se deram conta do quanto perderam em não participar das aulas. Mas tem muita gente que não se incomoda de perder as aulas ou não. Há alunos que não têm a compreensão de simplificar a fração é ela é uma divisão. Eles perderam esse pique de cálculo, que é um raciocínio importante.

Hoje quando trabalhei com o grupo que estava com vontade, percebi, através das perguntas, como foi boa a aula. Eles têm um pique bom.

Ontem foi um casal, lá em casa, e falou que a filha chorava por causa da Matemática. Eu disse: ela até pode chorar, porque as dificuldades fazem parte do aprendizado. Ela deve se sentir muito mal, mas existem situações que a gente precisa selecionar (disse aos pais).

Quando eu entro, e a turma não me percebe, eu escrevo vários exercícios no quadro. Incrível a turma me percebe, e o pessoal se acalma.

Uma professora, que entrou agora, desabafou que está enfrentando dificuldades com uma certa turma. Então resolveu desabafar comigo e se sentiu aliviada, porque não é só ela que enfrenta dificuldades com esta turma.

Resolvi que não vou mais falar com a conselheira e nem colocar anotações na agenda sobre as atitudes de alguns alunos.

Sabe o que funciona? Registrar no caderno. Não foram feitos os exercícios e isso vai ser avaliado no final, então tu colocas isso para eles, essa foi a única maneira que consegui para sacudi-los.

Sabe que, nessa turma com tantos problemas, não veio um pai falar comigo. Nenhum pai veio falar sobre as notas baixas do filho, nunca. Mas eu falo com o aluno, não sou discreta. Tu tens que estudar, fazer os exercícios, coloco as

observações. Não sei se os pais não estão preocupados com que está acontecendo ou se estão esperando o final do ano.

Mas agora, no final do trimestre, vou chamar todos os pais dos alunos que apresentam algum tipo de problema, que estão em risco de reprovação, vou falar com cada um e não vou ter medo de dizer.

Hoje uma menina disse assim, quando eu chamei a atenção dela: “Está todo mundo conversando”. Eu respondi, não todo mundo, mas sim tu. Tu tens que assumir o que você está fazendo, independente dos outros conversarem ou não.

Quando falei isso não precisou usar agenda. Sabe o que eu percebo que tu colocas na agenda, o pai chega à noite, e o filho diz assim: assina aqui a agenda pai, a professora me anotou, mas não era só eu que estava conversando. O pai assina, diz tudo bem meu filho, mas vê se tu não conversas mais. Vem a agenda assinada. É isso que eu percebo. Será que existe uma serenidade quanto ao assunto?

Posteriormente, os alunos apresentavam uma disciplina mais rígida, isto é, tinham o professor como uma figura, a quem deveriam respeitar e obedecer. Hoje esses alunos apresentam maior liberdade de expor seus pensamentos e de posicionamento diante das situações escolares.

Professora: J. M

Disciplina: Geografia

Sobre a indisciplina da mesma aluna (aluna da oitava), eu já falei para a mãe dela, que a Jéssica, ficou em recuperação em Geografia. Ela veio na aula e não fez

a prova. Falei para a mãe dela que ela não veio e não tem alternativa ou a escola exclui a recuperação, ou o aluno se submete.

Sobre a filha da B (E M). Na minha aula, ela é uma boa aluna.

Lá em casa, o meu marido estabelece as regras, você tem responsabilidade sobre isso, isso, isso e as outras responsabilidades são minhas, depois quando atingires a idade de adulto todas as responsabilidades são suas, tem responsabilidade sobre tudo. A disciplina é respeito às normas estabelecidas.

As mudanças ocorreram em função das noções de que a disciplina não pode ser entendida como não interagir, ficar absolutamente quieto, mas sim estabelecer combinações para que o trabalho ocorra de forma agradável.

A questão de que a escola se posicionou, e o nosso trabalho também deram para os alunos uma direção, acho que é importante. Penso que eles são criativos e são movidos à emoção, pois é pela emoção que a gente aprende. O que se consegue com os alunos na relação afetiva é incrível.

Jô escreveu dez palavras referentes à educação e formou algumas frases.

1. O respeito ao outro é fundamental ao relacionamento.
2. A organização deve fazer parte do ato de educar.
3. Muitas pessoas precisam do silêncio para poder apreender algo.
4. Impor limites é educar.
5. Buscar formas para despertar o interesse dos alunos auxilia na aprendizagem.
6. O aluno participante é normalmente interessado.
7. Nossos alunos necessitam de objetivos para que possam melhorar sua aprendizagem.
8. Os pais precisam participar da vida escolar de seus filhos.

9. Ser professor é uma arte, em que o saber deve ser conjugado com o amar.
10. A direção de uma escola precisa atuar junto ao corpo docente e discente, visando à melhoria da ação educativa.
11. O professor exercita sempre seu autocontrole, usando o bom-senso na tomada de decisões.
12. É fundamental o desenvolvimento da auto-estima do aluno para que ele seja e se sinta valorizado.
13. A relação professor/aluno precisa estar alicerçada no afeto.
14. Manter uma relação de amizade ajuda tanto ao professor como o aluno.
15. Ter confiança no aluno ajuda o professor a trabalhar melhor.

Professora: E. O

Disciplina: Biologia

O aluno está aceitando mais as regras, as mudanças. Eu acho que continuei cobrando as mesmas coisas, só que agora a escola está trabalhando junto, e a gente lendo, estudando aqui tive mais certeza sobre as minhas cobranças que eram certas, que tinha que fazer aquilo mesmo.

Hoje tenho mais segurança em cobrar. Depois que a escola fez todo esse trabalho, o aluno percebeu que agora todo mundo vai cobrar igual. Consegui ter mais receptividade, um exemplo: tu dizes ao aluno “agora tu sai da janela, porque tu não podes ficar ai.”, nesse ponto foi bem interessante. Eu me senti mais segura para fazer cobranças, e o aluno ficou mais receptivo, não que ele tenha deixado de fazer, continua fazendo, mas eu consigo cobrar com mais segurança.

Eu acho que esta questão de relação é verdadeira. Eles perceberam que a gente gosta deles. Eles passaram a aceitar os xingões. Se acham que tu não gostas ou se eles não gostam de ti, não aceitam.

Olha, nem podemos falar muito do nosso Ensino Médio que está muito bom em relação à disciplina. Claro a gente tem problemas, mas está dentro dos limites.

Alguns alunos têm uma barreira, e tu não consegues atravessar e vê-los.

Nesse momento, posso falar sobre conteúdos que já foram trabalhados com os alunos em séries anteriores, mas, mais adiante, não são lembrados por eles. A professora Betinha fala que os alunos insistem em usar a calculadora nos cálculos mais simples de Matemática. Ela pede e os ensina a trabalhar na calculadora, mas lembra que em certos concursos não é permitido o uso da calculadora. Então eles têm que ver a calculadora como uma ferramenta não como um todo, ou seja, como a substituição da memória.

A professora Denise diz que ensina desde a quinta série e que os alunos podem trabalhar com decimais ou em frações, mostrando a eles as maneiras como é possível resolver contas, facilitando assim a opção que eles decidirem ser a melhor e a mais fácil na hora de resolver os exercícios.

A professora mostrou o mesmo para eles, ou seja, a troca de fração para decimais, e eles dizem que não sabem mais. Ela disse que já tinha ensinado em séries anteriores. Eles que não souberam aproveitar quando foi ensinado, são alunos do segundo grau, acharam muito interessante essa troca de decimais para frações.

Como é bom quando eles trabalham, às vezes eles notam no rosto da gente, dizem: professora, hoje a senhora gostou, nós trabalhamos bastante. Eles sabem é como se perguntássemos: foi bom para vocês.

Os alunos resolvem os problemas mais fáceis do que a gente. Entre eles, por exemplo, criam uns apelidos bem cabeludos, mas eles tiram de letra. A gente fica apavorada com as atitudes deles, mas entre eles conseguem. Na verdade, a gente se preocupa mais do que o necessário.

Lembro de um comentário que diz assim: uma mulher encontra uma amiga, ela diz como tu estas bem, como tu estas linda, um monte de elogio, depois se despede e pensa, o cabelo dela estava horroroso, onde ela comprou aquela blusa feia. Aí, chega um homem e fala para o outro: pô tu tá cada vez mais gordo, careca como tu vai fi da p e quando o homem vira as costas, ela fala esse cara é legal. A partir disso, tu vê a diferença de relação entre as pessoas. Às vezes, tu vê uns guris se xingado de bicha, e tu ficas assustada com a comunicação deles. Você acredita que com estas atitudes eles irão se encontrar para brigar, mas, mas eles saem dali e já estão na esquina, marcando uma saída de noite, uma partida de futebol e nós professores ficamos preocupados com a maneira como eles se tratam. O interessante é ficar observando se a coisa se repete, se está fazendo mal para outras pessoas, se for o caso tomar as devidas providencias.

Confirmei alguns princípios e tornei mais claras algumas idéias. Como a escola num todo (direção, setores) assumiu o compromisso com a disciplina, os alunos receberam isso e estão aceitando melhor, as cobranças, as normas da escola. Fica mais fácil trabalhar quando há consenso entre todas as partes envolvidas. Direção, professores, alunos e pais.

ANEXO E –QUESTIONÁRIO PROFESSORES

DISCIPLINA:.....

Depoimentos gravados sobre o tema “relação interpessoal professor e aluno” antes do trabalho de pesquisa.

O que é ter uma relação interpessoal entre professor e aluno?

Obs: Os nomes foram substituídos por uma letra inicial.

Professor: D. D

Disciplina: Matemática

O que é ter uma relação interpessoal entre professor e aluno?

O professor, além do conhecimento, deve criar um ambiente que proporcione a relação de troca de conhecimento. Essa relação de troca tem características que auxiliam o processo de ensino-aprendizagem.

Que características seriam essas: amor pelo que faz, gostar do que faz, ter sensibilidade para interpretar as necessidades que fazem parte do verdadeiro aprendizado. Compreensão e respeito em momentos de conflitos, nos quais o aluno precisa de maior atenção. Saber administrar as críticas, procurando usá-las como exemplo, a fim de melhorar o processo de ensino.

Professora: E. M

Disciplina: Matemática

O que é ter uma relação interpessoal entre professor e aluno?

Temos que ter respeito, firmeza, vontade de ajudar.

Eu sinto que nós precisamos ter mais clareza de como queremos que o aluno seja e do que eu espero dele, qual o melhor procedimento.

Para haver eficácia no ensinar, é preciso existir uma boa relação entre professor e aluno. Isto é, o professor deve conhecer o seu aluno, a fim de que com essa aproximação o aluno possa interpretar o conhecimento e os bons hábitos.

Assim como também o aluno deve perceber e se empenhar para que os objetivos que o professor deseja sejam atingidos.

Não é fácil, mas não é utopia atingir o estágio de bom relacionamento, apesar de que, deve estar bem nítido que devido à nossa experiência de vida, temos a obrigação de saber orientá-los da melhor maneira possível, fazendo-os enxergar os limites de uma boa convivência.

Vivemos numa sociedade em que parece que cada um faz o que quer, e conseqüentemente essas atitudes refletem-se na família, na escola, em todos os setores. Por isso, precisamos fazer uma análise quanto a nossa participação nesse contexto. Acredito que quando eu puder me relacionar com meu aluno, sabendo colocar o que eu quero, e que é para o bem dele, em contrapartida o aluno irá ser receptivo com a minha orientação, assim poderemos fazer um ótimo trabalho junto.

Professora: E. O

Disciplina: Biologia

O que é ter uma relação interpessoal entre professor e aluno?

Sinceridade, jogo aberto, o que tu quer, qual a tua posição, postura.

Professora: A. K

Disciplina: Português

O que é ter uma relação interpessoal entre professor e aluno?

Assumir uma forma de agir, não ter medo de trocar informações. O aluno se sente importante em ajudar.

Professora: J.

Disciplina: Geografia

O que é ter uma relação interpessoal entre professor e aluno?

Relação interpessoal é não ter medo de se relacionar, temos é que ter medida na afetividade.

ANEXO F –QUESTIONÁRIO PROFESSORES**DISCIPLINA:.....**

Depoimentos gravados sobre o tema “relação interpessoal professor e aluno” durante o processo de pesquisa.

Que sínteses poderiam fazer do que foi pesquisado sobre o tema relação interpessoal professor e aluno?

Obs: Os nomes foram substituídos por uma letra inicial.

Professora: D.D.

Disciplina: Matemática

Que sínteses poderiam fazer do que foi pesquisado sobre o tema relação interpessoal professor e aluno?

Envolver-se num relacionamento de igualdade, no qual ambos aprendem um com o outro, lembrando que o professor é o coordenador, na disposição das idéias.

A sala de aula tem que ser um lugar de harmonia, não de choque ou de confronto de idéias, mas que tenha qualidades que propiciem um ambiente que favoreça uma relação de respeito recíproca entre aluno e professor.

O conteúdo pode ser difícil, mas se torna ameno quando quem ensina trabalha com respeito e amor. E pode ser atrativo, mas perde o interesse, quando quem ensina não transmite amor e vontade no que faz.

Conteúdo e uma boa relação devem andar juntos, pois um necessita do outro, para seu desenvolvimento pleno, que é ensinar e aprender.

É interessante a qualquer profissional, questionar-se sobre quais as qualidades importantes para um bom desempenho de suas funções e, principalmente, àqueles que trabalham com pessoas, pois direta ou indiretamente somos exemplos a serem copiados. Hoje, por exemplo, na sétima série, eu iniciei um conteúdo novo, mostrei várias vezes à matéria e perguntei onde está o problema, e eles responderam: pois é.

Eles estão muito avançados na sexualidade agora. A vida deles é celular, Internet, sexo e, às vezes, eu percebo que não tem um acompanhamento dos pais.

Tem pai que não vê tema. Aí no primeiro período tu os vê fazendo temas que deveriam ter feito anteriormente.

Tivemos uma reunião com uma turma, e os pais comentaram que os professores não davam temas. Os pais não vieram perguntar foi uma afirmação. Por isso, eu acredito que os alunos estão assinando as agendas como se fossem as assinaturas dos pais.

Lembro de um velho comentário dos alunos aos pais. A professora pegou minha agenda, estava todo mundo incomodando, e eu fui o único que ela anotou.

Hoje discutimos que a mulher é mais conciliadora, mais mãezona, portanto, assim sendo como professora.

Uma colega do grupo leu um texto que dizia o seguinte: Então o correto para o aluno é deixá-lo aprender por si só e com as dificuldades que ele tem. Não tem que colocar ninguém para ajudá-lo, porque se sente inferiorizado inconscientemente. Achei muito interessante, pois lembro de vários colegas que, quando o aluno pedia auxílio eles ficavam com pena e davam a resposta do problema, como se isso fosse a solução.

Eu li um texto em um livro que dizia que com as dificuldades a gente aprende. Há alguns pais que têm a idéia de que se o filho chega em casa com dificuldades da Matemática, o professor tem que solucionar todas as dúvidas, não podendo dizer que não sabe.

Então se chegou a um ponto em que o bom professor é aquele em que o aluno não encontra dificuldade, mesmo não sabendo de que forma ele trabalha para fazer com que o aluno diga que não tem dificuldade. Nos conselhos, dá a impressão

de que o bom professor é aquele de quem os alunos não reclamam e todos entendem. Mas o que eu li é que o problema serve para nós aprendermos.

Se o aluno chegar em casa e disser que não sabe, isso não significa que a mãe deve correr, ir atrás do professor para ele resolver o problema. Na verdade, o aluno precisa dessa situação para ir em busca, sair da mesmice, sacudir a poeira.

Numa turma de sétima série, eu coloquei várias multiplicações de polinômios e fui classificando com eles, um ajudando o outro, tinha barulho, mas houve aprendizado.

Em outro trabalho, eu levei livros de Matemática e, em grupo, os alunos foram procurando os títulos, exercícios e exemplos que pudessem ajudá-los na resolução dos problemas. Percebi que muitos deles não sabiam manusear um livro de Matemática, mas esta aula eu lhes mostrei um recurso (próximo deles) que pode ser usado.

Perguntei quantos tinham livro de Matemática em casa; dos 32 somente quatro. Na verdade, eles estão acostumados com a Internet, ou seja, copiar e colar, não aprenderam realmente a pesquisar. Entretanto, um aluno que, muitas vezes, não parecia interessado na aula me pediu o livro emprestado, eu o deixei para ele.

Tanto eu quanto a outra professora de Matemática falávamos da dificuldade que os professores de nossa área têm de ler e escrever. Isso acontece naturalmente, devido ao fato de as exatas nos levarem a calcular. Esse fato se observa bem na construção de situações-problema, ao termos que relacionar outras disciplinas com a Matemática, ficando bitolados sem relacionar a Matemática com o cotidiano.

Eu percebi que há alguns professores que usam o livro como uma única ferramenta e só usam aquele e aquilo. Têm medo de enfrentar novos desafios, muitos já decoraram as páginas e exercícios contidos em determinados livros.

Lembro de um estagiário que queria assistir à aula de Matemática. Nenhum de meus colegas queria atendê-lo. Uma justificou, dizendo que tinha medo de o aluno observá-la e não aos alunos. E outra, simplesmente, negou-se e evitou o assunto.

Percebo também que não há um rodízio de professores nas séries. Só aquele para a oitava, só aquele para a quinta. E assim passam anos e anos, a mesma coisa. Não há o desafio de mudança, de sair da mesmice, há sim medo e muitas vezes falta de cooperação entre os colegas que não aceitam a troca.

No meu caso, quando um aluno pergunta, e eu não sei responder, prefiro dizer que vou pesquisar a, simplesmente, responder errado. Devemos assumir as nossas limitações para não ficar feio. É melhor esclarecermos a dúvida do aluno depois do que permitir que ele leve uma informação errada para o resto da vida, já, que em algum lugar o erro cometido ficará bem explícito.

Professora: E. M

Disciplina: Matemática

Que sínteses poderiam fazer do que foi pesquisado sobre o tema relação interpessoal professor e aluno?

Eu acho que falta você dizer que há regras para serem cumpridas na sala de aula. Aí, tu chega numa sala de aula e tem um comendo uma bolacha, outro jogando papel não sei aonde. Aí tu diz: olha gente não se deve comer em sala de aula, a gente tem que observar a higiene da sala. Mas não adianta agir como um professor que chegou do recreio com umas 20 agendas para anotar as ocorrências.

Será que anotando 20 agendas mudou alguma coisa naquela turma, colega? Eu não notei melhora alguma. Tu podes canetear a agenda todos os dias, os próprios pais assinam por algum motivo sei lá. Eu não sei se essa coisa de mostrar agenda, realmente funciona.

Um aluno me disse: professora a senhora já reparou que sempre me chama atenção? Eu olhei e disse: se tu não fizesses errado, não te chamaria a atenção.

O problema da aluna citada acima é sua indisciplina. Ela não detona a minha aula, ela detona todas as aulas. O problema está na casa dela. Hoje eu disse para ela: tu detonaste a minha aula.

A professora E.M. comenta sobre o comportamento da filha/aluna da escola: Lembro quando a minha filha não tinha feito a redação. Esperei o momento para podermos falar sobre o assunto. Deixei ela lavar a louça, meu marido sair de perto, pois não gosto de falar na frente dele. Fiz um chá para mim, aí perguntei: Filha como é que estão as tuas redações, tu queres que eu peça umas aulas de redação para ti? Aí eu disse: porque falei com a professora de biologia e ela comentou sobre sua redação. A filha respondeu: mãe eu vou te contar a verdade. Nós tínhamos feito a redação, mas ficou na casa de uma colega e aí eu encontrei no meu caderno o rascunho. A menina que ia entregar perdeu, então eu vou passar a limpo e entregar. Mas eu continuei tranqüila, tomando o meu chá. Se ela tivesse me enfrentado,

falando da professora, aí eu iria falar diferente com ela. Agora, se ela não entregar a redação, aí eu mudo o rumo da conversa.

Meu marido não deixou minha filha ir a uma festa, porque ela tinha saído no dia anterior. Ele não deixou, eu fiquei muito mal, mas respeitei a decisão dele. Mesmo sabendo que ela queria ir muito nessa festa, na qual estariam vários amigos.

Gente, eu não falei nada, não tomei nenhuma posição. O pessoal foi embora, e ela ficou. Sabe o que nós fizemos? Jogamos carta, tomamos vinho, ficamos felizes, e ela não reclamou. Diante disso: O meu marido tomou a decisão correta. No dia anterior, ela tinha chegado às 6 horas da manhã, no outro dia, ela acordou feliz e foi caminhar conosco.

Para argumentar, os pais devem estar juntos, e separados quando têm idéias diferentes. As divergências não devem acontecer na frente dos filhos.

Nós poderíamos fazer uma análise de como é o professor homem e a professora mulher? Tem diferença para o aluno? Poderíamos fazer um levantamento sobre o comportamento do professor do sexo masculino e comparar com o professor do sexo feminino. Montar um questionário, fazer uma amostragem.

A professora E.M. comenta da liberdade que sua filha teve em optar em ir ou não ao desfile de Sete de Setembro. A escola estava solicitando aos alunos para que fossem ao desfile de Sete de Setembro. Para estudar, ela não tem liberdade de escolha, mas para essas coisas ela tem. Eu não desfilei no ano passado, por isso eu não a obriguei, foi uma decisão minha.

Tem decisões que podemos escolher e a minha foi de não ir ao desfile de Sete de Setembro. Se os alunos me perguntarem se irei, direi que não, não vou

esconder e digo o porquê. Eu me posiciono e cumpro a minha palavra. Nós professores somos exemplos para os alunos.

Eu estava lembrando de um texto que dizia assim, a nós devemos desenvolver as competências necessárias para deixar que o aluno quebre a cabeça, planejando, executando, trazendo situações-problema.

Eu tinha uma turma da oitava que se negava a fazer as coisas. Bom, vocês podem conversar. Bom, hoje eu vim com uma proposta de trabalho, não parecia o mesmo de ontem, os alunos estavam sentados, participando e um aluno disse como é bom quando a gente luta por uma coisa e ontem eu perdi tempo eu deveria ter usado essa oportunidade também.

Quando os alunos dizem isso e começam a fazer os exercícios, que entenderam, tentaram, fizeram sozinhos, significa que foi uma aula boa, mesmo com dificuldades. Hoje temos dificuldades, mas temos que batalhar mais.

Deveria haver uma reforma, na Matemática, principalmente em algumas séries, como a sétima. O conteúdo, muitas vezes, complexo exige muita concentração e um tempo maior para a sua resolução, que seriam reduzidos com o uso da informática. Quanto à postura do professor, temos que ser exemplos. Alguns chegam atrasados, outros faltam, outros não sabem se posicionar. Tudo isso deve ser analisado, pois somos o tempo todo observados e, em algum instante, serviremos de exemplo para alguém na vida.

É preciso aceitar o desafio de usarmos novas ferramentas e estarmos sempre reavaliado o que fazemos. Eu não uso as mesmas coisas sempre. As coisas que deram certo, ou seja, boas, eu continuo usando e as outras, vou reavaliando,

mudando, pensando se há uma compreensão por parte do aluno em relação ao que estou trabalhando.

Temos que dominar determinados assuntos. Na verdade, precisamos estar a par de fatos e situações e não, simplesmente, nos bitolarmos à matéria, não tendo a capacidade de relacioná-la com outros fatos existentes. Devemos estar sempre procurando.

Como eu dou aula de pré-vestibular aqui na escola. Às vezes há alguns cálculos terríveis, aí eu preciso estudar, vou à procura de soluções e trago para os alunos. Tento sempre preparar as minhas aulas para evitar lacunas no ensinar, ou não saber, mas ninguém está livre de tal situação.

Eu tenho uma outra colega de Matemática e nós trocamos idéias por telefone, uma ajuda à outra. Às vezes, a solução está bem em frente, mas nos viciamos em determinadas soluções e, por isso, não enxergamos o resultado tão óbvio. Então, de repente, com um outro olhar, a outra professora pode nos ajudar. A troca entre professores é muito importante. Percebo que, até quando o nosso aluno usa a Internet no sentido produtivo, que sabe procurar, seja qual for o motivo, eu dou nota máxima, pois ele soube usar essa ferramenta. Mas, quando o aluno faz somente cópia, não sabe explicar com suas palavras, eu peço para refazer o trabalho.

Uma vez, a minha filha comentou comigo sobre as cobranças que eu tinha com as oitavas séries: mãe eles só têm 14 anos. É o estilo de conduta, eles te agridem porque tu não consegues entrar na deles. É a maneira que eles têm de te alertar sobre isso, não está acontecendo uma interação entre ambas as partes. Assim, posso colocar que o que eu quero é para o bem deles e, em contrapartida, o aluno se abre para receber a minha orientação e fazemos juntos um ótimo trabalho.

Professora: E.O

Disciplina: Biologia

Que sínteses poderiam fazer do que foi pesquisado sobre o tema relação interpessoal professor e aluno?

O sucesso do indivíduo é o sucesso do grupo e vice-versa. É importante que o aluno saiba disso, ele tem que entender o que a gente espera deles. Eu não tenho problema de aprendizagem com os alunos. Eu, talvez, duas pessoas no primeiro ano, duas no segundo e terceiro ano com dificuldades, mas por eles não terem prestado atenção. Por isso, não entendem mais, porque não gravam nada. Eles entendem, só não estudam e quando tu cobra, eles não sabem mais, não estudaram, não memorizaram, não gravaram, porque não estudaram. Isso não quer dizer que temos problemas de aprendizagem.

Temos quatro ou cinco que vão super bem. São aqueles que estudam e entenderam, mas é da pessoa deles. Quanto à cobrança de temas, eu perguntava às minhas filhas: têm tema, se não tem, eu não vou olhar no caderno, os pais perguntam, assim como nós perguntamos para o aluno, e ele diz que não tem tema e pronto, os pais acabam acreditando que não tem.

A professora E.O. questiona sobre o comentário dos pais, quando dizem que os filhos não têm temas: vocês não se defenderam? Assim uma colega do grupo responde: Nós professores, não estávamos na reunião, mas a supervisão prometeu organizar outra, novamente, com os alunos para verificar a posição deles referente a dizer que não tem tema em casa.

Os pais cobraram da escola que não eram exigidos os temas dos alunos. A professora E.O. pergunta: O que vocês fizeram? Provamos que tinham diz a professora D.D.

Quanto à assinatura na agenda, é apresentado um rabisco, sabe lá de quem possa ser, muitas vezes a gente não sabe de quem veio.

Eles chegam em casa e dizem: a professora me anotou, mas todo mundo estava conversando, ou foi só porque me levantei, Então, a mãe pergunta: só isso, então tá.

Eu acho que o nosso papel é esse. Ou seja, exigir do aluno compromisso, assim como acho que o papel de pai e mãe é esse, estar sempre mostrando o caminho.

Eles nunca vão ser santos e fazer tudo que a gente quer, mas não podemos cansar. Devemos estar cientes de que temos a responsabilidade, somos exemplo e referência para eles. Se repetirmos sempre: faz o tema, não senta na janela... Eles, até, vão continuar fazendo as mesmas coisas, mas um dia dá um clique e aí eles assimilam aquilo, mas não vão mudar de repente.

Vocês têm acompanhado aqueles depoimentos? O que são aqueles deputados. Enquanto um se manifesta, outros estão falando ou atendendo o celular, outro lendo o jornal, e ninguém está ouvindo, um pára na frente da câmera, aquela turma não está nem aí para os outros. Isso não é uma falta de respeito e de consideração com os outros?

Esse comportamento é generalizado. Existe indisciplina em todo o lugar, com pessoas de todas as idades, e o nosso papel é chamar atenção, orientar o aluno.

A professora E.O. comenta sobre a aluna que detonou a aula da professora E.M: Ela sabe que tu estás exigindo, que tu estás te estressando, mais tu estás ensinando a ela. A gente fica num aperto, fica muito mal, mas tu estás dizendo, ela está vendo, sabe qual é o caminho.

Sobre o trabalho da filha da Beti. Existem pais que conversam e sabem entender o lado do professor, agora há outros que já armam e, assim, não tem como segurar o filho.

Nós, mulheres, conseguimos conciliar um pouco mais. Às vezes eu vejo que meu marido toma algumas atitudes que estão de acordo com o meu pensamento, mas às vezes ele toma umas atitudes que não precisavam ser tão rigorosas.

Quando meu marido argumenta, percebo muitas vezes que não é uma argumentação forte, pois se fosse comigo eu seria mais consistente, mas eu deixo assim, pois minhas filhas precisam sentir que nem sempre temos a mesma posição.

Em sala de aula de aula, esse processo ocorre da mesma forma, ou seja, a atitude do professor homem pode ser diferente em relação a da professora mulher, que é mais conciliadora e, ao mesmo tempo, mais detalhista.

Ensinar está cada vez mais difícil, porque existem muitos apelos lá fora que chamando a atenção deles.

Hoje eu vi os alunos marcando encontro, ir um na casa do outro, pois eles tinham que se reunir para poder estudar, eu achei aquilo muito bom. Era o que eu sempre dizia a eles, vão buscar, procurar. Quando eles se ajudam, têm mais facilidade para entender pois falam a mesma linguagem. Isso é uma maneira de levá-los a apreender, de procurar um caminho e até discutir. O aluno precisa de

uma orientação. Espero que essa semente possa germinar, assim incentivando-o a concentração, aos estudos.

Por exemplo, em uma outra turma, um aluno disse para mim que não fez o tema, porque não entendeu, não tinha nada feito, nem um rabisco. Eu perguntei para ele se tinha lido e tentado fazer, e ele disse que não. Hoje fez em aula e achou que era fácil. Eles têm que chegar e quebrar a cabeça. Os alunos têm que correrem atrás das soluções, eles esperam que se dê tudo, tu tens que orientar, falar.

Professora: A. K

Disciplina: Português

Que sínteses poderiam fazer do que foi pesquisado sobre o tema relação interpessoal professor e aluno?

A professora A. K. lê um texto a seguir sobre a educação: A falta de educação na adolescência aparece na escola em que há regras a obedecer e responsabilidades a cumprir. Ou seja, parece que justamente quando existem essas regras, há quem queira contestá-las. O aluno que contesta revela o quanto é incapaz de realizar as suas tarefas e nem sequer demonstra respeito, muito menos gratidão pelo professor.

Andréia fez a leitura de um texto que trata sobre relações interpessoais. A leitura discorre sobre a falta de regras na escola - causadora de conflitos - e trata sobre o papel do professor e da importância de todos caminharem da mesma forma e falarem a mesma linguagem. Todos devem trabalhar da mesma forma; ninguém pode deixar furo para não dar margem a conflitos. Os professores devem seguir uma

linha comum de ação, evitando, assim, que o colega mais exigente seja taxado de chato.

Uma aluna do grêmio estudantil da escola se posicionou da seguinte maneira em relação ao desfile: “Eu vou, porque sou do Grêmio e vou fazer as coisas que a escola pede, não só o que a gente quer”.

O aprendizado do aluno está realmente ligado à relação que o professor tem com seus alunos. Essa relação deveria ser, primeiramente, amigável, de afeto e saudável, não de preconceitos, ou do professor usar sua superioridade com atitudes de inferiorizar os alunos. Assim como não aceitamos certas atitudes, o aluno também pode não aceitá-las, resultando tudo isso em antipatia. É importante que haja uma relação amistosa entre professor e aluno, pois para os adolescentes e crianças (principalmente das séries iniciais), o professor exerce um papel tão importante quanto o dos pais.

Entretanto, quando damos a solução para auxiliar o aluno, não estamos o ajudando, mas induzindo-o a chegar na resposta. Está resposta não o ajudará, pois ele poderá crescer e pensar que não conseguirá superar as dificuldades sem a ajuda de outras pessoas. O aluno precisa de tempo, ir a busca de recursos, para formar estratégias que o auxiliem a busca de soluções.

A professora Andréia, durante os encontros, fez referência sobre a linguagem que os alunos utilizam para se comunicar na Internet. Segundo ela, essa grafia acaba interferindo na grafia correta das palavras. Na Internet, eles se comunicam com várias pessoas ao mesmo tempo. Uma vez entrei na Internet e, como eu escrevia corretamente, alguns alunos reclamavam que eu demorava muito para dar a resposta e, por isso, eu deveria escrever como eles.

Eu percebo que há alguns professores de Português que apresentam dificuldades ou erros no falar. Isso não pode acontecer conosco, porque é a nossa área. Não podemos esquecer que fizemos uma faculdade e, se persistir o problema, devemos buscar recursos para superar as dificuldades. Mas não podemos aceitar isso como normal ou comum.

Que autoridade tem um professor de Português em ensinar ou corrigir um aluno se ele próprio mantém os mesmos erros? Eu não sei tudo, mas procuro sempre analisar o que tenho que trabalhar e vir preparada para dar aula. Dar aula despreparado é abrir espaços para acontecer os imprevistos e ficar sem respostas e sem opinião.

Os erros a que nos referimos não ocorrem somente com os professores iniciantes, mas com profissionais que já possuem vários anos de trabalho.

Eu estou estimulando meus alunos a fazerem trabalhos científicos (obedecendo às normas da ABNT) para que saibam organizar, pensar e conheçam o que é um trabalho científico.

Professora: J

Disciplina: Geografia

Que sínteses poderiam fazer do que foi pesquisado sobre o tema relação interpessoal professor e aluno?

A árvore cultivada com seus devidos cuidados produz bons frutos e segue o seu destino.

O ser humano é um ser eminentemente social e, nesse contexto, surge a relação professor-aluno. No dia-a-dia, o professor, durante seu trabalho ou mesmo fora dele, não consegue desvincular o seu fazer pedagógico das diversas formas de relacionamentos. É evidente que para cada ação há uma reação e é isso que a torna desafiadora.

É importante que o professor estabeleça com seus alunos um conviver agradável, que não esqueça as normas e os limites de preservação de ambos. O professor tem que ensinar com sentido ou com sentimentos e manter esse sonho como foco.

A situação do professor é uma ação diferente. Nem mais difícil e nem mais fácil.

O planeta é a nossa sala de aula. O professor é apenas o mediador. O conhecimento só se concretiza, quando há um entendimento.

O aluno tem que aprender a se comunicar, a escrever, a falar e a se mostrar. E ao professor cabe ter sensibilidade e gostar do que faz, questionando-se freqüentemente sobre o seu fazer pedagógico.